Hans Sponholz

Breviário Político Nacional-Socialista

Hans Sponholz

Breviário Político Nacional-Socialista

Libro & Moschetto

Fascista Perfetto

Sumário

Prólogo....4
Nacionalismo e Internacionalismo....5
Socialismo....9
O Führer....12
Política e Economia....15
Nacional-Socialismo....17
A Cruz-Gamada....19
Adolf Hitler....21
O 9 de Novembro de 1923....29
O Judeu....32
Comunidade Popular....37
Povo e Estado....39
Elevação Biológica do Povo....42
O Homem Nórdico....45
Sangue e Solo....47
Direito Alemão....50
O Conceito de Propriedade....52
Pátria, O Lar Nacional....53
Nobreza do Trabalho....55
Serviço de Trabalho....57
Espírito de Heróis e Espírito de Mercadores....59
Covardia e Espírito de Defesa....61
Moral do Soldado....64
Coragem e Virilidade....66
Camaradagem....68
Disciplina....71
Luta....73
Honra....75
Lealdade....76
Liberdade....78
Revolucionários e Rebeldes....80
A Canção de Combate....81
A Bandeira....83
Noites Alemãs....85
Uniforme e Estrelas....87
Soldados da Ideia....91

Prólogo

“O que necessitamos e continuamos necessitando não foram e não são cem ou duzentos conspiradores temerários, mas cem mil e muitas centenas de milhares de combatentes fanáticos por nossa concepção de mundo.” - ADOLF HITLER

O soldado com o melhor adestramento na técnica do uso das armas fracassa quando se exige dele, permanentemente, entrega total e sacrifício, se não estiver sustentado por uma profunda concepção de mundo. Só entusiasmo não basta. No interminável fogo cerrado da Frente, ele se dissipa com demasiada facilidade, e os corpos humanos despedaçados tampouco servem para alimentar sua chama. Deve haver no soldado algo totalmente inabalável e indestrutível, uma lei interior, nascida de uma convicção firmemente ancorada, que o faça olhar para além da futilidade do eu e da passagem fugaz do dia, em direção ao futuro eterno de seu povo, e o impulsione a estar sempre disposto a dar por ele seu sangue e sua vida. O que vale para o soldado da guerra vale também para o homem da SA e para todo alemão. O último compatriota alemão deve saber por que e para que está na frente da Nação que despertou, e deve sentir ao menos um hálito daquele espírito que ordenou a quatrocentos soldados de assalto de Adolf Hitler que morressem.

Para nós é imperativa a formidável missão de fazer do alemão um soldado político e, com isso, o verdadeiro portador do Terceiro Reich; formá-lo de tal maneira que todo o seu ser se funda, no sentimento e no sangue, com a ideia do Nacional-Socialismo. Independentemente de influências exteriores, reveses e desilusões, atuará então nele aquela força totalmente indestrutível, capaz de mover montanhas, que só e exclusivamente pode radicar e crescer no solo de uma profunda convicção ideológica. Esperamos que este livro possa ser um modesto instrumento para a formação do homem alemão.

O Autor.

Nacionalismo e Internacionalismo

Ser internacionalista significa pensar à margem da nação, significa irmanar os povos sem consideração pelas fronteiras e pelas diferenças raciais, significa promover essa “união” ainda que o próprio povo sucumba por ela. Ser internacionalista é renegar o própria sangue e nacionalidade, rejeitar o conceito de Pátria e as obrigações e nexos que dela derivam. O internacionalismo remonta à época da Revolução Francesa de 1789. Então surgiu o slogan de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que também chegou a ser palavra de ordem para a revolta de novembro de 1918. Liberdade é aquela liberdade que tinha em mente o Capital bursátil e financeiro judaico-internacional, e que na realidade não queria outra coisa senão uma carta branca para a desenfreada exploração e lenta escravização de todos os povos. Liberdade era também aquela concepção que via sua meta em um viver desenfreado. Igualdade: ideia desvairada! Não existem na natureza dois seres vivos, duas flores ou folhas que sejam exatamente iguais. Gostarias tu de pôr em pé de igualdade um cafre zulu de pele negra, semianimal, ou um judeu de pernas tortas, cabeça lanuda e nariz adunco, reto e culto, com o cartabón da igualdade? Isso nunca te ocorreria. Nem dois seres humanos nem dois povos podem ser iguais. Observa um bosque: todas as árvores foram plantadas no mesmo momento. Mas umas são fracas e atarracadas, outras altas, fortes e orgulhosas. Se quisesses torná-las iguais, poderias ou tentar fazer crescer as árvores fracas e raquíticas, coisa impossível, ou deverias tirar a copa das grandes, fortes e orgulhosas, para rebaixá-las à medida das pequenas, igualmente algo impossível. Fraternidade! Irmãos hão de ser todos os homens. Enquanto não houver anjos sobre a Terra, mas seres humanos maus e bons, fortes e fracos, a fraternidade é uma frase tão oca e vazia quanto a igualdade, concebida para que os povos caiam presa de sonhos impossíveis, fazendo de tal maneira, com mais facilidade, que se transformem em dóceis instrumentos do judaísmo internacional.

O delírio internacionalista é representado atualmente, sobretudo pelo marxismo (criação do judeu Karl Marx).

Esta é a culpa mais grave dessa doutrina delirante, que alienou o trabalhador alemão da Nação, do povo, denegrindo-o como “proletário”; incitou-o à cruel luta de classes e lançou-o nos braços do delírio de “proletários de todos os países: uni-vos”. E tudo isso durante o tempo mais amargo de penúria do povo alemão, que teria exigido o empenho de suas últimas forças. Esta é a grave culpa do marxismo, que quebrou a vontade de defesa e, com isso, desferiu uma punhalada na Frente dirigida contra o inimigo, que mentiu ao povo com suas fraudulentas palavras-imagens e, na realidade, levou-o à mais profunda miséria, ao opróbrio, ao escárnio e à desonra. O espião francês Desgranges pôde constatar triunfalmente em sua obra “En mission secrète en territoire ennemi” que, com a ajuda das gigantescas somas de dinheiro que a França doou durante a guerra à social-democracia alemã, a revolta estourou no momento indicado. Enquanto, mais tarde, os grandes impulsionadores judeus do marxismo gozavam a vida, esplêndida e alegremente, em postos seguros, com salários pecaminosamente altos, milhões de alemães mal podiam viver, miseravelmente, como desempregados. Trabalho e pão lhes haviam sido prometidos, e, como recebedores de esmolas, eram entregues à miséria mais amarga. Nenhum povo da Terra se moveu para ajudar a Alemanha em nome do muito ponderado “sentimento de solidariedade”. O trabalhador alemão se viu traído e vendido.

A mentalidade internacionalista é um crime cometido contra o povo, um pecado mortal contra a Pátria. Quem pensa internacionalmente não ama a Alemanha. O homem-SA deve amar sua Pátria com todo o fervor de seu coração. Tu és homem-SA e, com isso, professas a Nação, o povo e a Pátria. Tens consciência completamente clara do que isso significa? Tua militância não deve ter nada em comum com esse patriotismo de bebedores de cerveja, de uma burguesia covarde, preguiçosa, de colarinho engomado, que sempre encontrava sua triste expressão à mesa reservada dos paroquianos habituais, nos hinos Heil dir im Siegerkranz e Deutschland über Alles. Patriotismo semelhante fracassa no momento em que a exigência do sacrifício se aproxima de seus portadores. Fracassou em 1918, ao deixar sem resistência a rua à revolta de novembro, escondendo-se covarde e miseravelmente atrás dos postigos das janelas e

preferindo a própria comodidade e segurança ao destino incerto do combatente.

Nacionalismo! Este é o amor e a entrega ilimitados, é a permanente disposição para o sacrifício. O nacionalismo não se prova nos dias de felicidade e esplendor, em que é fácil e não oferece perigo fazer-se de nacionalista. O nacionalismo se prova quando teu povo e teu país são acossados por forças inimigas, quando sobre tua Pátria se estendem, baixas, as negras nuvens da desgraça, e quando é perseguido e proscrito aquele que mantém sua lealdade a ela.

Nacionalismo! Isto significa, camarada, que deves estar disposto a atuar — pela Alemanha em toda parte e a toda hora, e a deixar-te despedaçar se com isso prestas algum proveito. Por ela, deves poder fazer tudo e deixar tudo. Nada deve ser demasiado difícil e nada demasiado duro quando se trata do serviço pela Alemanha. “A Alemanha deve viver ainda que tenhamos de morrer”; isto deve ser para ti legado sagrado e lei sagrada, lei que não está escrita no papel, mas que está profundamente gravada em teu coração e por isso faz parte de teu coração.

O homem da Frente, embora a chama do primeiro entusiasmo impetuoso já tivesse se extinguido havia tempo, manteve-se firme em meio à guerra de trincheiras e ao seu infernal fogo cerrado, que durante longos anos nunca cessou, apesar de ter a convicção de que o momento e a Pátria o haviam traído e voltavam a traí-lo e a traí-lo a cada dia. Ele se manteve firme e morreu, embora soubesse havia muito que os governantes em casa não só interpretavam mal o sentido da grande luta, como até o falseavam; permaneceu inflexível e morreu com a fé na Alemanha do amanhã, que diante de seu olhar visionário crescia dos sepulcros dos caídos e das trincheiras dos sobreviventes. Sente como o semente viva desse novo Reich. Camarada SA! Tu és o nacionalista eleito. Todo serviço não é um fim em si mesmo, toda preparação física e ideológica tem como meta final a criação de homens capazes e dispostos a ser protetores e defensores do Reich. “No serviço pela Pátria consomem-se minhas forças”; esta antiga norma, diretriz e lema vital prussiano é uma dura e inexorável exortação a ti, camarada! Trabalha em teu aperfeiçoamento e vive tua vida pela

Alemanha, mas mantém-te sempre disposto a morrer para servir ao futuro e à eternidade alemã quando o Führer te chamar!

Socialismo

O socialismo se contrapõe ao marxismo, que afirmava buscar a solidariedade do proletariado internacional; a solidariedade nacional de todos os membros de um povo. Socialismo é camaradagem de todos os compatriotas. O indivíduo nada vale, a comunidade é tudo. O indivíduo deve empenhar-se pela comunidade. Se o povo sucumbe, o indivíduo também termina por sucumbir. Ninguém pode desligar-se do destino do povo e subtrair-se a ele. Por outro lado: o que beneficia a colmeia beneficia também a abelha.

Nosso corpo se compõe de um enorme número de células. O que aconteceria se uma estivesse contra a outra, se todas não colaborassem em plena harmonia? As células cerebrais são, de longe, as mais importantes. O que aconteceria se essas células se declarassem em greve e não deixassem correr sangue para as da mão ou dos pés? Então esses órgãos morreriam. Daí resulta: deve-se empenhar pelo outro, um por todos e todos por um! Eu te feri. A ferida supura. O perigo de uma septicemia é enorme. Mas, nesse momento, o organismo do governo envia forças combativas sob a forma de glóbulos brancos do sangue. Eles destroem os intrusos inimigos, a ferida supura e a cura pode ocorrer. Assim trabalham todas as células do corpo conjuntamente em um perfeito espírito comunitário.

Nosso organismo popular esteve no maior perigo de sucumbir ao espírito do ódio de classes, ao espírito da decomposição. Ninguém já confiava em ninguém; todos eram inimigos de todos. “E se não queres ser meu irmão, eu te quebro a cabeça”, dizia a palavra de ordem marxista, cuja aplicação fez crescer muitas centenas de túmulos em terra alemã. Ninguém queria servir, todos queriam apenas ganhar. O organismo popular sangrava por mil feridas profundas, e com o sangue do povo alemão engordava o supercapital judeu.

O socialismo alemão de Adolf Hitler, que nasceu da vivência da camaradagem da trincheira, pôs fim a esse estado espantoso. Sua primeira

expressão foi a SA, que dessa maneira assumiu a herança da camaradagem da Frente.

Nela marchava o rapaz camponês junto ao da cidade, o trabalhador braçal junto ao intelectual, o acadêmico junto ao desempregado: nem posição, nem classe, nem dinheiro e bens valiam mais; a todos unia a camisa marrom, a todos o mesmo espírito de camaradagem. Um empenhava-se pelo outro, sobretudo nos piores momentos. Até o último pedaço de pão era compartilhado. Com sangue mil vezes derramado, a SA selou sua moral socialista da disposição ao sacrifício. Em 9 de novembro de 1923, caíram diante da Feldherrnhalle, em Munique, camaradas que haviam pertencido aos distintos estamentos e profissões: criados, serralheiros, comerciantes, acadêmicos. E, nos últimos anos da luta, morriam o operário junto ao camponês, o estudante universitário junto ao desempregado, todos sustentados pelo mesmo sentimento e pela mesma fé; eram socialistas da ação e realizadores da maravilhosa frase que o trabalhador escreveu: “Deutschland muss Leben…”[1] Socialismo não significa igualdade marxista. O socialismo valoriza conforme o rendimento. Quanto mais alguém cria e atua por seu povo, tanto mais valioso é para a comunidade e tanto mais apto é para desempenhar cargos dirigentes.

Socialismo tampouco tem o mesmo significado que social, palavra que tem um desagradável sabor de patrocínio e beneficência burguesas. “O socialismo é justiça. Não dá nada como presente, mas como direito”, diz o Dr. Goebbels. O compatriota que empenha todo o seu ser pela comunidade e que, sem culpa própria, chega a se encontrar em situação de penúria tem merecido direito ao auxílio por parte da comunidade. (NSV[2], e outros). Mas não tem semelhante direito aquele que cai por culpa própria e inépcia. “O socialismo não é uma religião dos fracos, não impõe ao Estado a obrigação de fazer arrastar conjuntamente uma cauda crescente de incapazes por uma minoria de poucos capazes.” (Bernhard Köhler).

Camarada! Tu és socialista! Todas as diferenças de posição e classe estão apagadas em tuas fileiras. Teu amor e tua camaradagem pertencem a

1 A Alemanha deve viver. (N. do T.)
2 Nationalsozialistische Volkswohlfahrt= Bem-estar Popular Nacional-Socialista. (N. do T.)

todo aquele que está contigo nas fileiras, seja qual for seu nível. Teu amor pertence a todo compatriota honesto em sua intenção para com a Alemanha. Teu orgulho e tua força hão de consistir em não te deixares superar por ninguém no espírito ativo de camaradagem socialista.

O Führer

A condução é um dom concedido por Deus. Não se pode aprender, não se pode inculcar pela educação e pela prática. A liderança se encontra profundamente na essência de seu portador, está no sangue! O verdadeiro Führer é sempre modesto, não se veste com trajes cintilantes, não faz ostentação nem se vangloria. Como tudo o que é grande no mundo é inteiramente simples e despojado, assim também a liderança carece de superficialidades e ouropéis. Aquele que utiliza o efeito exterior e presume ser Führer (condutor) é sempre um Verführer (sedutor), que procura cobrir sua vacuidade com pano colorido e joias fulgurantes. Ai daqueles que, fascinados pelo exterior, se deixam seduzir e o seguem!

O verdadeiro Führer não se serve de frases iridescentes, que sobem como bolhas de sabão irisadas e estouram ao menor sopro de vento. Aquele que ama o tilintar altissonante das palavras não tem nada a dizer e quer esconder, por trás de sua ignorância e incapacidade, tal como o judeu, a isca barata e hipócrita, as armadilhas de seu engano.

O verdadeiro Führer é natural e simples. O reconhecimento e a glória de todo um mundo podem amontoar-se ao seu redor, mas ele continua fiel a si mesmo. Aquele que, embriagado e cego pela adulação da multidão, ergue uma grade de presunção ao seu redor e se isola na fria inacessibilidade diante dos seguidores, tampouco é um Führer, mas um sedutor, para quem os seres humanos só valem enquanto o elevam sobre seus ombros cada vez mais alto. Quando já não tem de esperar uma glória maior, dá-lhes um pontapé.

O verdadeiro Führer vive como exemplo! Viver de modo exemplar é muito mais difícil do que morrer como exemplo na embriaguez da vitória das colunas de assalto. Morrer como exemplo dura apenas um momento; viver como exemplo se estende por anos e décadas e gera eternamente uma riqueza única. O verdadeiro Führer não exige nada de seus seguidores que ele próprio não esteja disposto e capacitado a fazer a todo momento. Não foi designado pelo destino como Führer aquele que se banqueteia avidamente com iguarias enquanto os homens buscam em vão um pedaço

de pão; não é Führer aquele que repousa sobre macias almofadas de penas enquanto seus seguidores tentam em vão encontrar um pouco de palha para seu leito; e tampouco é Führer aquele que protege as mãos com luvas de couro enquanto seus partidários têm de sofrer o frio.

O verdadeiro Führer não vive o exemplo apenas na Frente. Aquele que proíbe seus homens de beber em uma taverna duvidosa e, secretamente, visita justamente essa taverna e ali se embriaga, não entendeu nada da liderança. Não se pode estranhar quando, pelas suas costas, se murmura e protesta, quando a confiança pouco a pouco vai desmoronando.

A confiança é o fundamento mais potente para que atuem proveitosamente, em comum, a condução e os conduzidos. Onde ela não existe, difunde-se a "obediência cadavérica", tem-se medo do castigo e, em última instância, os homens só obedecem às ordens porque temem o castigo.

O verdadeiro Führer apela sempre às boas qualidades de seus seguidores, ao sentimento de honra, à lealdade, à fé, ao amor pelo povo e pela Pátria, à aptidão para o sacrifício. Ele sabe manter essas grandes qualidades em permanente movimento e orientá-las para os altos fins da ressurreição nacional.

O falso Führer apela aos baixos instintos dos seres humanos, à cobiça, ao gozo, à inveja; faz promessas para conservar os seguidores enquanto o considera conveniente no interesse de sua própria vida folgada e da de seu cenáculo.

O verdadeiro Führer dirige-se ao sentimento de seus fiéis, ergue uma ponte de coração a coração, e milhões de corações batem, crentes nele, inabaláveis na confiança. O falso Führer dirige-se ao intelecto frio, calculador e "sutil". Só sobre essa base ele tem gente atrás de si, para perdê-la rapidamente quando não cumpre as esperanças calculadas por ela mesma.

O verdadeiro Führer aponta a seus seguidores o caminho e a meta, que ele, somente graças à sua liderança concedida por Deus, é capaz de

reconhecer. Vê sua missão, jamais terminada, na conservação e afirmação de seus seguidores, no crescimento e na evolução para o alto de suas virtudes; vê-a no ideal de preparar para seu povo a eternidade.

O verdadeiro Führer está firme como uma rocha no mar agitado. As ondas e o vento não lhe podem causar dano.

O verdadeiro Führer sente muito intimamente o pulsar do coração de seus seguidores e os escuta, sentindo-se um com eles.

Com Adolf Hitler surgiu para o povo alemão, em sua maior degradação, o Führer. Segui-lo há de constituir a mais sagrada obrigação e o maior orgulho de todo compatriota.

Política e Economia

O judeu Walter Rathenau cunhou a frase mentirosa: “A economia é o nosso destino!”. O cumprimento desse princípio trouxe muita miséria ao povo alemão. A vida da Nação foi determinada a partir da economia, isto é, de pontos de vista materiais. Uma economia baseada exclusivamente no conceito de proveito desceu a ser fim em si mesma e medida de todas as coisas. “A política corrompe o caráter”, fazia-se o Miguel[3] alemão acreditar, quando era o inverso: os caracteres inferiores corrompiam a política, submetiam-na aos fins puramente capitalistas da economia, faziam da política uma prostituta venal. Mas o alemão, que acreditava ocupar-se de política, na realidade corrompe o caráter, manteve-se temerosamente afastado dela, enquanto o judeu triunfava sobre sua obstinada boa-fé.

O ouro transformou-se no soberano do Estado e do trabalho; a economia não era simplesmente — como, de acordo com o princípio nacional-socialista, deve ser — a organização para a satisfação das necessidades de consumo dos seres humanos que vivem sob condições idênticas e com um mesmo destino coletivo, mas se afastava cada vez mais da ideia de uma economia nacional alemã em direção à ideia de uma economia mundial. Dividendos e lucro eram tidos em mais alto valor que a vida e a existência dos compatriotas alemães. Imperava a ideia usurária capitalista. O capital em si não é nocivo quando redunda em proveito da comunidade. Mas criminoso é o capital rapace, que se acumula nas mãos da Alta Finança judaica, impregnado do suor e do sangue de trabalhadores honestos.

O Nacionalismo opõe à “nobreza” da finança a nobreza do Sangue e do Trabalho. Exige a primazia da política sobre a economia. “A economia, assim diz o Führer, nunca é causa nem meta de um Estado, enquanto este não descanse sobre uma base falsa por sua própria natureza. Sempre que na Alemanha se produziu um incremento genuíno do poder político, também começou a erguer-se a economia, mas sempre que a economia se

3 Isto é, o homem da rua. (N. do T.)

transformou na única razão vital de nosso povo, afogando sob ela as virtudes ideais, o Estado voltou a desmoronar e arrastou depois de algum tempo a economia consigo.” Nesse sentido, a evolução posterior a 1918 é um exemplo bastante significativo.

Nacional-Socialismo

Uma frase do Führer:

“Não podeis ser verdadeiros nacional-socialistas sem ser socialistas, e vós não podeis ser verdadeiros socialistas sem ser nacionalistas. Ser nacionalista significa amar o próprio povo mais que os demais povos e cuidar para que ele seja capaz de se sustentar diante deles. Mas, para que esse povo seja capaz de se sustentar diante do restante do mundo, devo desejar e cuidar para que cada membro seja são e que cada um, individualmente, e com isso a coletividade, alcance o nível mais alto possível. Assim, em consequência, sou socialista.

No outro caso, não posso ser socialista sem empenhar meu esforço para que meu povo seja capaz de se proteger diante dos excessos dos outros povos na luta pelos fundamentos da vida, e sem me empenhar pela grandeza de meu povo, isto é, sem ser nacionalista. Porque a força e a importância de meu povo são a condição prévia para o bem-estar de cada um. Dessa maneira, pois, vós sois ambas as coisas, nacionalistas e socialistas, isto é, nacional-socialistas.”

Aquele que está na SA de Adolf Hitler deve levar em si, de forma especialmente desenvolvida, a obrigação pelo nacionalismo e pelo socialismo. Como nacionalista, deve viver segundo a palavra do poeta, convertendo-a sempre de novo em ação: Primeiro vem meu povo, depois todos os outros; primeiro minha mãe-pátria, depois o mundo. O Homem-SA é o nacionalista eleito. Todo serviço não é fim em si mesmo, todo o treinamento físico e ideológico tem como meta final a criação de homens que estejam dispostos a lutar pelo eterno Reich dos alemães e, se necessário, morrer por ele. O Homem-SA é o socialista eleito. Todas as diferenças de posição e classe estão apagadas para ele. Na SA de Adolf Hitler não conhecemos situações de privilégio no sentido da burguesia liberal, mas somente homens-SA. Mas isto é o maior orgulho: poder ser Homem-SA e, com isso, pertencer ao séquito imediato do Führer.

O Homem-SA é, no sentido mais nobre da palavra, socialista porque pratica a camaradagem. Praticar essa camaradagem é para ele lei sagrada,

lei que é obedecida não porque esteja escrita no papel, mas porque é coisa do coração e necessidade lógica e natural. A ela estão submetidos não apenas os homens, mas, por certo, também os condutores, estes em medida muito maior, porque a condução, afinal de contas, não envolve prerrogativas, mas o dever do exemplo vivo diante dos homens. Essa camaradagem não deve se esgotar nas coisas da vida diária e do serviço, mas deve ver seu modelo no espírito de camaradagem da Frente, tanto aquela dos anos de guerra como também a dos anos de luta da SA.

Ser verdadeiro nacional-socialista é uma grande missão, provavelmente a maior que existe. Ser verdadeiro nacional-socialista é o mais alto aperfeiçoamento da existência para o alemão e especialmente para o Homem-SA. Talvez seja acertada a palavra de que só há um verdadeiro nacional-socialista: o Führer. Tratar de emulá-lo deve ser a maior felicidade e o maior orgulho do Homem-SA.

A Cruz-Gamada

“Como nacional-socialistas vemos em nosso estandarte nosso plano para a meta. No vermelho vemos o pensamento social do Movimento, no branco o nacional, na cruz-gamada a missão da luta pela vitória do homem ariano e, simultaneamente, com ela também o pensamento do trabalho criador”, diz o Führer. A cruz-gamada no ponto central de nossa bandeira, que uma vez foi a bandeira de proscritos e perseguidos e hoje é a bandeira da Alemanha. Já 5.000 anos atrás, a cruz-gamada era um signo sagrado. Em Siebenbürgen (Transilvânia), foram escavados vasos de argila de 5.000 anos de antiguidade, em cujos fundos estavam gravadas cruzes-gamadas. Esses vasos provavelmente foram recipientes de oferenda que se colocavam junto aos mortos no sepulcro.

A cruz-gamada é considerada o signo sagrado do sol. Os seres humanos da Idade da Pedra comparavam o sol a uma roda em movimento. Como tal, representavam o sol sobre gigantescas pedras planas; de início, como círculo, depois como duplo círculo, para terminar gravando nelas uma cruz. Disso resultou uma roda solar de um raio. Às vezes, o círculo era apenas esboçado brevemente; outras vezes, o sol representado simplesmente como cruz. Agora, pois: que relação tem isso com a cruz-gamada? Em Troia, diversos pesquisadores alemães realizaram escavações. Nessa ocasião, foram recuperadas urnas que trazem a cruz-gamada em associação com a roda solar, encontrando-se mais precisamente a cruz-gamada no centro da roda solar. Repetidas vezes ocorre que, nas urnas faciais, aparece uma vez a cruz de roda, outra vez, no mesmo lugar, a cruz-gamada. Segundo isso, ambos os signos devem ter significado a mesma coisa. Ambos eram o signo sagrado do Sol. Em um relevo encontrado na Tunísia, estão gravados sobre um animal de sacrifício o signo do rei solar, que tem a forma da cruz-gamada. A lenda fenícia indica que o relevo estava consagrado ao rei solar. Mas, como traz o signo da cruz-gamada, este é, portanto, o signo sagrado do Sol.

Os braços em gancho da cruz insinuam o movimento circular do Sol. Uma veneração especialmente grande encontrou a cruz-gamada entre os

germanos. Numerosos achados provam que, como signo de felicidade, ela volta a aparecer permanentemente sobre vasilhas de argila, copos, pingentes, anéis e alfinetes de adorno. Uma importância extraordinária tinha a cruz-gamada para o guerreiro germano. Pontas de lança e espadas estavam unidas a ela. Na era cristã, a cruz-gamada não foi rejeitada, mas preservada. Lajes sepulcrais das catacumbas romanas trazem o signo da cruz-gamada; no medievo cristão, nós a encontramos muitas vezes sobre toalhas de altar, mortalhas, lápides etc. O pai da ginástica Jahn uniu os quatro efes dos ginastas[4] em um signo com a forma básica da cruz-gamada. Adolf Hitler elevou esse signo sagrado a símbolo do Terceiro Reich.

4 Frisch (Limpo), Fromm (Piadoso), Fröhlich (Alegre) e Frei (Livre). (N. do T.)

Adolf Hitler

Depois que o inspetor da alfândega imperial, Alois Hitler, obteve sua aposentadoria, realizou aquilo que ansiara durante toda a sua vida e profissão de seus pais: tornou-se camponês. Em Lombach (Alta Áustria), adquiriu uma pequena propriedade. Desse mundo provêm as primeiras recordações da infância de Adolf Hitler.

O garoto não é de maneira alguma — aquilo que velhas tias caprichosas tanto quiseram fazer crer a seus próximos — uma criança modelo, que, vestida com calçõezinhos de veludo, tem modos ridículos de "beija-mão". Antes, como ele mesmo diz, um pequeno cabecilha, que está sempre à frente quando, lá fora, no campo e no bosque, há algo pelo qual lutar. Fundilhos rasgados, hematomas e galos fazem parte dele como de todo garoto autêntico. Na escola, a professora de primeiras letras diz que seu modo de se portar e sua aplicação merecem elogio. De vez em quando também "esquece" seus deveres escolares, como acontece alguma vez com qualquer garoto. Onde ele se sente mais à vontade é lá fora, no círculo dos camaradas, quando se banham, pescam e brincam de bandidos. Superadas as diferenças — também elas pertencem ao jogo da juventude — o pequeno Adolf nunca é rancoroso, jamais guarda ressentimento. Mas, por ocasião de tais disputas, exercita, como confessa em sua obra Mein Kampf, seu talento oratório. Um dia descobre na biblioteca paterna um livro sobre a Guerra Franco-Alemã de 1870-71. Transforma-se em seu livro favorito e chega a ser, para ele, a mais grande vivência interior. A partir desse momento, entusiasma-se cada vez mais por tudo o que se relaciona com a guerra e a profissão de soldado. Ainda nebulosa, mas já em sua essência, surge a interrogação de por que a Áustria não combateu fraternalmente ao lado da Alemanha. "Será que não formamos todos juntos um todo?" é sua dolorosa pergunta.

Esse sentido da comunidade do povo acompanha Adolf Hitler também em sua vida futura. No colégio secundário de Linz, milita com ardente entusiasmo no movimento da germanidade na Áustria. A velha Áustria-Hungria não era um Estado alemão, mas um Estado de nacionalidades, no

qual, pedaço por pedaço, a germanidade se perdia em benefício dos eternos brigões tchecos, eslovenos, eslovacos e poloneses. Obedecendo à emergência, a germanidade se havia unido contra a alienação. Que a juventude escolar se tornasse, com o maior entusiasmo, a portadora dessa luta popular era lógico e natural. Sempre se fazia em suas fileiras a saudação do Heil alemão e se cantava Deutschland über Alles, apesar da proibição e do castigo. A centáurea azul era usada como signo de espírito e sangue alemães. Adolf Hitler escreve sobre isso: “Quem conhece a alma da juventude poderá compreender que justamente ela abre com a maior alegria os ouvidos para semelhante grito de combate. De mil maneiras, costuma então levar essa luta, a seu modo e com suas armas. Rejeita cantar canções não alemãs, exalta-se tanto mais pela grandeza dos heróis alemães quanto mais se tenta subtraí-los a ela; reúne centavos economizados na comida para o fundo de combate dos grandes, tem um ouvido incrivelmente fino diante do professor anti-alemão e é, ao mesmo tempo, reacionária; usa os distintivos proibidos da própria nacionalidade e fica feliz por ser castigada ou até espancada por isso. É, portanto, em pequeno, uma imagem fiel dos grandes, só que frequentemente com um espírito melhor e mais reto.”

No colégio secundário de Linz, ensina como professor de história o Dr. Leopold Pötsch. O que ele ensina não é história austríaca, mas história alemã. “As fronteiras da Alemanha deveriam coincidir com as fronteiras do sangue”. Esta é sua opinião, que sustenta aberta e enfaticamente. Seu ensino cativa e acende chamas nas jovens almas. Seu discípulo Adolf Hitler sente a história alemã como realidade viva. Esse ensino foi o começo da escola nacional de Hitler. Ele diz a esse respeito mais tarde: “Quando agora, depois de tantos anos, ponho diante de meu olhar examinador o resultado dessa época, vejo dois fatos que se destacam com nitidez como especialmente significativos: Primeiro: tornei-me nacionalista; Segundo: aprendi a compreender e captar a história de acordo com seu sentido”:

E, além disso: “Basta constatar aqui apenas que, na verdade, já na mais tenra juventude cheguei a ter um conhecimento que nunca mais me

abandonou, mas apenas se aprofundou ainda mais. Trata-se do fato de que a garantia da germanidade pressupunha a destruição do artificial Estado austríaco e de que, além disso, o sentimento nacional não é igual ao patriotismo dinástico, que sobretudo a Casa de Habsburgo estava destinada a ser a desgraça da nação alemã. Já então eu havia tirado as consequências desse conhecimento: ardente amor por minha pátria germano-austríaca, profundo ódio contra o Estado austríaco". Mais tarde, ele considera este Estado, com razão, como um "cadáver", ao qual a Alemanha se ligou por meio do Tratado de Aliança de 1879... Somente um em cada cinco homens no exército austríaco falava alemão…

Por três coisas o garoto de catorze anos tem predisposição especial: pintar e desenhar, história e geografia. O desejo de seu pai, que o destina à carreira de funcionário estatal, tropeça no rapaz com a mais violenta resistência. Com unhas e dentes, ele se opõe a ver sua vida "aprisionada entre formulários". À vontade do pai, contrapõe sua própria vontade, não menos teimosa, de vir a ser um artista da pintura. Quando Adolf Hitler tem treze anos, seu pai morre; cinco anos depois, a morte também lhe arrebata a mãe. Colocado sobre os próprios pés, parte para Viena e procura trabalho. Cinco anos de miséria e desolação estão contidos para mim no nome desta cidade", escreve ele de Viena. "Mas, assim", continua, "nessa época formou-se em mim um quadro do mundo e uma concepção de mundo que se transformaram no fundamento granítico de meu proceder atual".

Sente gratidão à Providência, que o fez passar pela dura escola da fome e da falta do necessário. Quanto mais a penúria o aperta, quanto mais obstáculos se opõem a ele, tanto mais perseverante e decididamente persegue sua meta de chegar a ser arquiteto, depois que a aptidão para a arquitetura lhe foi expressamente confirmada e ele próprio a reconheceu com clareza. Viena chega a ser a escola social de Hitler. Abismos da mais amarga pobreza se abrem diante dele, e, diante dela, uma riqueza irritante e ostentosa, que se concretiza em glutonaria e dissipação. E, no meio, vive uma despreocupada classe média aburguesada, preguiçosa e ávida de prazeres, afogando em sua massa inerte toda centelha do espírito.

Com horror, Adolf Hitler vê com que brutalidade as encarniçadas massas operárias, o “proletariado”, fazem cada trabalhador individual ingressar à força em seus sindicatos, veem em todo aquele que não se uniu a eles um “traidor da classe”.

De todo o coração, subscreve a luta do operário pela ascensão social e pelo reconhecimento. Mas o que isso tem a ver com a luta da Social-Democracia contra a nacionalidade e a Pátria, contra Deus e a ordem humana? Adolf Hitler se recusa a tornar-se membro da organização marxista. Querem atirá-lo do andaime. Tudo, escreve ele mais tarde, eu era capaz de compreender: que os operários estivessem descontentes com sua sorte, amaldiçoassem o destino que com frequência os golpeava tão duramente, odiassem os empresários que lhes apareciam como insensíveis executores forçados desse destino, vociferassem contra as autoridades, que não tinham compreensão da situação, fizessem manifestações contra os preços dos produtos alimentícios e fossem à rua por suas reivindicações; tudo isso ao menos se podia compreender, mesmo sem levar em conta a razão. Mas o que devia permanecer incompreensível era o ódio ilimitado que exteriorizavam contra seu próprio povo, que injuriassem os grandes nomes dele, maculassem sua história e arrastassem seus homens ilustres para a sarjeta. Esta luta contra a própria espécie, o próprio ninho, a própria pátria-mãe, era tão insensata quanto incompreensível. Isto era antinatural. Quando Adolf Hitler reconhece os dirigentes do movimento marxista, fica claro para ele de onde provém o espírito de decomposição e destruição: o judeu é o sedutor diabólico. Nas redações de jornais marxistas, descobre judeus; como redatores de panfletos e escritos marxistas, assinam judeus; os representantes no Conselho do Reich, os secretários dos sindicatos são judeus, etc.

Agora vê com perfeita clareza: o marxismo, como criação do judeu Karl Marx e difundido por judeus marxistas, em um corpo estranho judaico, é veneno no espírito alemão; mas também o capitalismo remonta, em seu fundamento, à possibilidade do ingresso, sem trabalho e sem esforço, diretamente no monopólio de juros do judeu medieval. E quanto mais Adolf Hitler reconhece as suspeitas intrigas dos judeus, tanto mais se

inclina a perdoar e a compreender o operário seduzido. A culpa mais grave, a seus olhos, já não reside nele, mas em todos aqueles que tornaram crível que não valia a pena ter piedade dele, dar, com férrea justiça, ao filho do povo aquilo que lhe corresponde, e, em vez disso, encostar à parede o sedutor e corruptor.

E Adolf Hitler encontra o judeu não só na política e na imprensa; encontra-o também na literatura, no teatro, na arte, em toda parte. Aprende a desprezar profundamente o parlamentarismo tal como se personifica no Conselho Estatal vienense. Vê uma massa que gesticula teatralmente, todos gritando simultaneamente em todos os tons. Ou então: o plenário dorme. Vê irresponsabilidade na forma mais repugnante, intermediação ilícita e manobras desonestas, vê um exército de nulidades, mas nenhuma cabeça. E semelhante “Parlamento” decide sobre os destinos de uma Nação! Como marco, porém, na evolução da concepção de mundo de Adolf Hitler está sua profissão de fé da época vienense: “A questão da nacionalização de um povo é também, em primeiro lugar, uma questão da criação de condições sociais sadias como fundamento de uma possibilidade de educação do indivíduo. Porque somente aquele que, mediante educação e escola, chega a conhecer a grandeza cultural, econômica e sobretudo política da própria pátria pode adquirir, e também adquirirá, aquele orgulho interior de poder ser membro de semelhante povo. E lutar só posso por algo que amo, amar só o que respeito, e respeitar o que ao menos conheço”. Em 1912, Adolf Hitler se dirige a Munique. Tornou-se nacionalista e socialista no mais profundo de seu coração.

Munique, “Uma cidade alemã! Que diferença em relação a Viena!” Mas ao seu olhar aguçado tampouco permanecem ocultos os sintomas da decadência. A obra de Bismarck está em grave perigo, interna e externamente. Também na Alemanha o marxismo mina por dentro; também aqui a grande massa geme sob uma forma econômica insuportável, que, embora proporcione vida confortável a uma determinada classe, provoca o ódio do povo por sua frieza e falta de coração; também na Alemanha o judeu é dirigente dos operários marxistas, e sua “habilidade

mercantil”, modelo para uma burguesia cobiçosa. A simplicidade da era bismarckiana se perdeu; os tempos se tornaram ruidosos e decadentes. Através do povo, estende-se uma profunda divisão de classes. No que diz respeito à política externa, a Alemanha está isolada. Adolf Hitler vê claramente aonde conduz o caminho.

1914. Adolf Hitler se apresenta de imediato como voluntário de guerra no exército bávaro. No exército austríaco não queria servir; tampouco tinha ali obrigação de serviço militar. “Para mim”, diz ele, “a Áustria não lutava por alguma satisfação sérvia, mas sim a Alemanha por sua existência, a Nação alemã por sua liberdade e seu futuro. Eu não queria combater pelo Estado habsburguês, mas estava pronto a morrer a qualquer momento por meu povo e pelo Reich que o personificava”. Adolf Hitler combate na linha mais avançada da frente como porta-ordens. Em 7 de outubro de 1916, é ferido. No hospital militar de Beelitz, coube-lhe viver o espírito desgarrado da pátria-mãe. Comovido, comprovou a falta de uma concepção uniforme do mundo: “Os mais inescrupulosos agitadores carentes de caráter elevavam a voz cantante e tentavam, com todos os meios de sua miserável eloquência, mostrar como ridículos os conceitos do soldado decente e a falta de caráter do covarde como exemplar”. A atmosfera geral já era então ruim. A isso se somavam o monstruoso desperdício e as manobras ilícitas nas sociedades comerciais de guerra. Os escritórios estavam ocupados por judeus. Mas ainda estavam as coisas no plano econômico. Aqui, o povo judeu efetivamente se tornara “insubstituível”. As aranhas começavam a sugar lentamente o sangue das veias do povo.

Em outubro de 1918, Adolf Hitler porta as E.K.[5] de 1ª e 2ª classe e é considerado pelos camaradas como exemplo de homem valente e fiel. Volta a ser gravemente ferido. Por algum tempo, perde a visão. No hospital militar de Pasewalk, coube-lhe viver a revolta de novembro. Toma conhecimento de que a Alemanha foi assassinada traiçoeiramente por judeus e servos de judeus, por cobiçosos e depravados do próprio povo, e abandonada por enganados e covardes. Nesta hora da mais profunda desesperação, toma a férrea decisão de tornar-se político.

5 Eisernes Kreuz (Cruz de Ferro). (N. do T.)

1919. A Alemanha caminha rumo à desintegração final. A Renânia inundada pelo inimigo! No Leste, a autodefesa luta desesperadamente. Os espartaquistas[6] provocam incêndios e realizam saques. O Centro persegue a separação da Renânia da Prússia. Em 1º de janeiro de 1919, é fundado o K.P.D.[7], sob direção judaica, por criminosos e rufiões. Em 5 de janeiro de 1919, o serralheiro Anton Drechsler forma o Deutsche Arbeiterpartei. Em 25 de fevereiro de 1919, é dada ao Reich Alemão, pelo judeu Preuss, uma Constituição judaica. A Alemanha sofre fome, o valor do dinheiro cai. Em 7 de abril, Munique cai nas mãos dos comunistas. O assassinato e o terror se desencadearam furiosamente. Adolf Hitler participa da luta de libertação do General von Epp. No círculo de camaradas, encontra, surgindo da mistura de concepções nebulosas, a frase salvadora:

"Aquilo pelo que temos de lutar é por assegurar a conservação e o crescimento de nossa raça e de nosso povo, a alimentação de seus filhos e a manutenção da pureza do sangue e da liberdade e independência da Pátria, a fim de que nosso povo possa amadurecer para a realização da missão também a ele confiada pelo Criador do Universo.

Os velhos partidos não são capazes de conquistar o respeito de Adolf Hitler. Os partidos burgueses são os que sustentam o estribo para o marxismo. Ouve uma conferência do engenheiro Feder sobre a quebra da servidão dos juros. Nela percebe uma poderosa palavra de ordem para o combate vindouro. A luta contra o capital internacional bursátil e creditício se transformou no ponto programático mais importante da Nação Alemã para sua independência econômica e sua liberdade. Pouco depois da conferência, Adolf Hitler torna-se membro do Partido dos Trabalhadores sob o Nº7. A uma reunião pública vêm 111 compatriotas. Adolf Hitler fala e consegue 111 novas adesões! As desgraças se acumulam sobre as desgraças. Em 7 de maio de 1919, é entregue o Ditado de Paz, que significa o mais cruel aniquilamento. Lenta, mas consequentemente, o Partido dos Trabalhadores luta, elevando-se desde os menores começos. Em 24 de fevereiro de 1920, Hitler fala em uma reunião de massas e desenvolve o Programa do Movimento. Com isso, o fogo está aceso. No

6 Comunistas (N. do T.)
7 Kommunistische Partei Deutschland (Partido Comunista Alemão)

verão de 1920, a suástica tremula pela primeira vez sobre o jovem Movimento. Em 1º de agosto de 1921, Adolf Hitler assume a condução do Partido. Inflação e decadência se desencadeiam furiosamente. Em janeiro de 1923, ocorre a invasão do Ruhr e, em maio, Schlageter é fuzilado. Em 27 de janeiro de 1923 tem lugar a Primeira Jornada Partidária do NSDAP. 6.000 homens da SA desfilam diante do Führer. Cresce imensamente o perigo de uma separação da Baviera do Reich; em Berlim impera o governo dos judeus. Em 8 de novembro, o Comissário Estatal Geral da Baviera promete solenemente a Adolf Hitler participar da ação libertadora nacional e quebra miseravelmente sua promessa. 16 nacional-socialistas sangram até a morte nas ruas de Munique sob o fogo da Reação.

Adolf Hitler é preso. De 26 de fevereiro a 11 de abril de 1924, tem lugar o julgamento de Hitler. Poderosos são os discursos que Adolf Hitler pronuncia diante do tribunal. Assume sobre si toda a responsabilidade e conclui com as palavras: “Mil vezes podeis declarar-nos culpados; a Deusa do juízo eterno da história, sorridente, fará em pedaços o pedido do promotor e a sentença do tribunal, porque ela nos absolve”. Adolf Hitler é condenado a cinco anos de prisão na fortaleza. No silêncio da cela da fortaleza de Landsberg, escreve seu formidável livro Mein Kampf. Em 20 de dezembro de 1924, é posto em liberdade mediante anistia e se dedica a formar novamente o Partido. Em uma luta de oito anos, Adolf Hitler constrói, em meio a um desolado campo de escombros, uma nova Nação com uma nova Fé. Infinitamente penosa é a luta. Ao longo de seu caminho, erguem-se centenas de cruzes de combatentes caídos pela liberdade. Em 30 de janeiro de 1933, esta gigantesca luta se coroa com a vitória de Adolf Hitler e seu Movimento.

O 9 de Novembro de 1923

Se estende uma linha clara, precisa, desde a canção da Alemanha que cantavam os voluntários de Langemarck no assalto rumo à morte e a que se extinguia sobre os lábios dos que caíam, até a canção que cantavam voluntários de todos os estamentos do povo alemão em 9 de novembro de 1923, durante a marcha rumo à Feldherrnhalle: O Deutschland, hoch in Ehren...[8] Também eles morreram com esta canção nos lábios. E a linha continua e conduz às canções de combate que a SA cantava obstinadamente em lutas de longos anos contra os poderes do submundo, e sob as quais soube sangrar até a morte e cumprir, não menos valorosamente, com vontade de sacrifício. O sentido de todas essas canções é tão inequívoco e claro quanto a linha que, ano após ano, conduz de uma canção à outra. Este sentido, porém, não é outro senão este:

A Alemanha deve viver, ainda que nós tenhamos de morrer.

Langemarck: voluntários, rapazes recém-saídos do colégio, recém-adestrados, assim marcham para fora, “ao campo, à liberdade”. Todas as vacilações “objetivas” e “racionais” são arrastadas por uma torrente de entusiasmo e pela vontade indômita da façanha viril. As jaquetas balançam em torno dos corpos delgados, as mochilas quase os arrastam ao chão, mas, no fundo do coração, levam uma fé ardente e a férrea consciência de sua missão: opor, a um mundo corrupto de saciedade e vazio burguês, a um mundo da aparência enganosa e do mais crasso egoísmo, o exemplo da luta e da morte como idealistas. Milhares vertem o sangue de seu coração sobre os prados de Langemarck. Milhares de lábios estremecem, empalidecem, e o vento leva sons sombrios do morrer pela Mãe Pátria: Deutschland, Deutschland über alles, über alles in der Welt![9]

Feldherrnhalle. O Governo Nacional havia sido proclamado. Júbilo, um único grande júbilo atravessa Munique. As bandeiras ondulam, as gloriosas do velho Exército, as bandeiras suásticas da Nação que desperta. As colunas em marcha cantam, de modo que os sons se elevam potentes e

8 Oh! Alemanha alta em honras! (N. do T.)
9 Alemanha, Alemanha acima de tudo, acima de tudo no mundo! (N. do T.)

seguros da vitória: O Deutschland, hoch in Ehren, du heil ges Land der Treu...[10]

Os homens que cantam sentem arder em si uma missão e uma obrigação imposta por Deus: levar à profunda noite de opróbrio e vergonha, da mentira e da traição, do egoísmo e da cegueira da Alemanha, a aurora de uma Nova Era. Então caem tiros como chicotadas, inexoravelmente, duramente, cruelmente. Dão um golpe mortal na canção da honra e da lealdade alemãs, porque vertem sangue irmão. O porta-bandeira convoca e embebe com seu sangue o pano da bandeira; a seu lado caem, homem após homem. E com os que vão caindo se extingue, perde-se em estertores a canção... Ou não é assim? Não é como se uma melodia passasse por cima do lugar: “Haltet aus, haltet aus, Lasset hoch das Banner wehn...?”

“Haltet aus, haltet aus, Lasset hoch das Banner wehn...?”[11] Alemanha! Desde o mar de ondulação verde até o país montanhoso que se ergue até o céu, desde as margens coroadas de vinhedos do Reno até os bosques que se erguem escuros no Leste alemão. Em toda parte se desencadeia o covarde assassinato traiçoeiro; irrompe de pistolas sacadas desde a emboscada, relampeja no punhal que atinge as costas da vítima. O pelotão de mortos chega a ser uma tropa, uma companhia, um batalhão de mortos; Horst Wessel o conduz! Ainda assim! A SA marcha apesar da morte e do demônio! Marcha sob as bandeiras que receberam sua consagração pela Bandeira de Sangue de 9 de novembro! Lábios moribundos saúdam o Führer, saúdam a Alemanha por vir, que pressentem com o olhar visionário do moribundo. Dia após dia e noite após noite, atravessa a Alemanha uma canção que ressoa em meio às centenas de mortos por ela:

“Die Fahne hoch, die Rehien dícht geschlossen...” Foi um longo caminho desde Langemarck até a Feldherrnhalle e, por sobre os sepulcros dos 400 camaradas, até o Terceiro Reich. Mas completamente clara e pura é a linha de um ao outro. Quando, em 9 de novembro, honramos os mortos e os recordamos, então o sentido desta lembrança honrosa só pode consistir em que nós, os herdeiros do legado de Langemarck, da

10 Oh, Alemanha, alta em honras, teu santo país da lealdade! (N. do T.)
11 Resisti, Resisti, deixai flamejar alto o Estandarte. . . (N. do T.)

Feldherrnhalle, que nós, como portadores do espírito de nossos camaradas da SA caídos, reflitamos hoje e sempre de novo sobre esta linha clara e inequívoca e pensemos em que devemos continuar esta linha, de forma tão limpa, tão preciosa e tão inequívoca e clara, até muito profundamente no futuro e na eternidade alemães: “Deutschland muss Leben, Urd wenn wir sterben mússen...”[12]

12 “A Alemanha deve viver, mesmo que tenhamos que morrer…” (N. do T.)

O Judeu

Os judeus não formam uma raça autônoma, mas são um povo no qual se encontraram diferentes raças, entre outras a proasiática e a oriental. O Führer disse, sobre o judeu, que constitui o contraste mais formidável com o ariano, e continua: “Seguramente, em nenhum povo do mundo o instinto de autoconservação está mais fortemente desenvolvido no que assim chamado “eleito”. Ele é e continua sendo o parasita típico, um parasita que, como um bacilo, se estende cada vez mais quando uma base de cultivo favorável o convida a isso. Por todos os meios, trata de corromper os fundamentos raciais do povo a submeter.

O historiador Mommsen designou o judaísmo como “fermento” da decomposição, isto é, como portador da corrupção, e assim é de fato. Em todas as partes onde o judeu se aninha, seja entre os alemães, os franceses, os ingleses ou em outros lugares, ele continua sempre judeu e não alemão, francês ou inglês. Tampouco quer formar um Estado próprio no próprio país, não pensa realmente em se estabelecer em um território próprio[13] porque teria de lavrar a terra, trabalhar com o suor de sua fronte, mas isso não está na natureza do judeu. Com o menor esforço, quer sempre e em toda parte obter o máximo lucro possível, por isso o encontramos ali onde, sem trabalho, pode enriquecer, na Bolsa, no comércio e na economia. É isso que diferencia fundamentalmente o judeu do ariano: aquele é o rapace, este, o produtor. O ariano plasma valores; é o ser humano eternamente criativo, o judeu, aquele que não produz, mas apenas procura vender pelo preço mais alto possível os valores que outros criaram. Um não trabalha, o outro negocia os frutos do trabalho, pratica usura com eles e explora os produtores. Em todas as partes onde se trabalha pesadamente, no arado, junto ao torno, na fábrica, não se encontra o judeu, fiel à sua essência e à sua concepção que o fazem sentir o “trabalho com o suor da fronte” como maldição. Um dos objetos de especulação mais apreciados pelo judeu é a

13 No Estado de Israel, erguido sobre terras roubadas aos árabes, reside apenas uma minoria. Por outro lado, sua criação obedece ao espírito de vingança perante o mundo não judeu e à necessidade de contar com uma excelente camuflagem para que o restante dos judeus opere no seio dos povos, aparentando não serem mais internacionalistas. Cabe notar que esse Estado artificial vive em permanente déficit e que, sem o auxílio da alta finança judaica mundial, não poderia subsistir. É óbvio que esta obtém seus recursos da exploração sistemática de todos os povos. Este é o “milagre” do Estado de Israel (N. do Editor).

terra. Milhares de camponeses de antiga raiz foram despojados pelo negociante de terras judeu mediante juros usurários de seu campo e de sua moradia. Para arruinar o artesanato honesto e o comerciante não judeu, o judeu inventou as grandes lojas com seus métodos comerciais sujos. O judeu da grande loja tenta enganar o comprador com mil trapaças e artimanhas, tenta deslumbrá-lo com pechinchas e bugigangas, mas o que oferece é mercadoria de má qualidade. A propaganda é para ele o mais importante e, como esta é muito cara, deve-se economizar na qualidade da mercadoria. Em todas as partes onde o judeu aparece, ele se apodera das finanças. Deixou de lado sempre o aspecto moral e fez da cobiça o elemento dominante da economia. Em todas as partes onde se pode obter lucro fácil, o judeu se introduz. Por seu domínio político, converteu-se em fornecedor do Exército; foi a força decisiva nas sociedades comerciais de guerra que brotavam como cogumelos do solo.

Um papel pernicioso desempenhou a judiaria na Alemanha na política. Dos comunistas aos nacional-alemães, suas relações alcançavam todos. Em todas as partes haviam sabido introduzir sua gente, e não passou muito tempo até que tivessem os fios nas mãos e marcassem o rumo. Sob Guilherme II, eram habituais os judeus da corte, entre eles Ballin, os dois Rathenau, Simmon etc. Nos últimos anos, o Kaiser não resolvia nada sem consultar Ballin. A Constituição da República de Novembro foi obra do político judeu Preuss. Funesta e incrível foi a influência que a judiaria conseguiu sobretudo depois do colapso de 1918, no qual igualmente teve participação considerável. O problema do marxismo é uma parte do problema judeu. O próprio Karl Marx provinha de uma família de rabinos e se chamava, na realidade, Mordochai. O materialismo mais grosseiro é o que há de caracteristicamente judeu em suas obras. O fundador do partido marxista alemão, SPD,[14] foi o judeu Ferdinand Wolfsohn, que depois se chamou Loslauer e finalmente Lassalle. Entre os dirigentes judeus extraordinariamente numerosos de ambos os partidos marxistas, SPD e KPD, não se encontrava nenhum que tivesse sido operário. Os judeus estavam nos conselhos, nos jornais e nas escolas do partido. O judeu

14 Sozialdemokratische Partei Deutschlands = Partido Social-Democrata alemão. (N. do T.)

Kautsky publicava o semanário social-democrata *Die Neue Zeit*[15] Em 1915, formou-se o SPD independente, que organizou as greves das fábricas de munições, tornando-se assim culpado pela morte de milhares de alemães: seus fundadores e dirigentes eram os judeus: Haase, Bernstein, Kautsky, Hilferding (que mais tarde chegou a ministro das Finanças e provocou a inflação), Hertz, Wurm, Luxemburg, Hoch, Cohn, Davidsohn, Herzheim, Eisner, Levy e muitos outros.

"Induzimos nossa gente que ia ao front à deserção. Organizamos os desertores, provemo-los de documentos falsos, dinheiro e panfletos sem assinatura. Enviamos essa gente a todos os pontos cardeais, sobretudo de volta ao front, para que atuassem sobre os soldados e desmoralizassem o front, e assim a desmoralização se realizou de forma paulatina, mas segura", confessou o membro judeu do Conselho de Soldados, Water, em Magdeburg em 1919. Com a Revolta de Novembro, a judiaria teve caminho completamente livre para seu poder exclusivo. Ao "Conselho dos delegados do povo" pertenciam os judeus Landsberg e Haase. Simmon chegou a ser ministro das Finanças prussiano. Nos ministérios e órgãos de imprensa pululavam os judeus. Em 1930, realizaram-se em Berlim cursos organizados pelo SPD para a formação cultural do operário. Como professores atuavam 13 judeus e três alemães. Também a literatura partidária estava dominada pelo judaísmo. Tal como no SPD, o judaísmo atuava de forma não menos consequente no KPD e no bolchevismo. Os bolcheviques, que na Rússia têm milhões de seres humanos em sua consciência, eram judeus, e mais precisamente, em parte, judeus que antes haviam atuado em um papel destacado no SPD alemão, assim, por exemplo, Trotsky (Braunstein). No Conselho dos Comissários do Povo havia 17 judeus entre 22 membros. Também o judaísmo dava o tom nas associações pacifistas, com as quais o *Reichsbanner* trabalhava estreitamente*. Que o judeu havia se apoderado, nos últimos decênios, de quase toda a imprensa alemã é bastante conhecido. Ele dirigia a opinião pública e lançava as flechas envenenadas de seu ódio contra tudo o que era alemão e prussiano. Igualmente conhecidos são os nomes dos canalhas e criminosos judeus Barmat, Kutisker, Sklarek e do chefete da máfia norte-

15 Tempo Novo. (N. do T.)

americana Jack Diamond. Mas, onde quer que fossem apreendidos criminosos judeus, a judiaria gritava e gemia, atacando em troca, com tanto mais raiva, aqueles que por motivos inteiramente nobres haviam eliminado os traidores da Pátria.

A natureza judaica está na oposição mais grosseira à natureza do alemão. O judeu é o materialista mais radical, o alemão, o idealista mais crente. O judeu observa tudo somente com o olho do comerciante avaliador. Se o alemão se encontra em uma floresta, experimenta recolhimento e solenidade; o judeu taxa o valor da lenha. (Em um colégio, o professor e os alunos observavam a primeira queda de neve: um condiscípulo judeu exclamou: “Senhor professor, se tudo isto fossem moedas de ouro...!” Este episódio conhecido fala por si só.) O judeu foi nosso infortúnio. Formou um Estado dentro do Estado e, como tal, teve participação decisiva na corrupção do povo anfitrião; destruiu o que havia de heroico, puro e nobre no povo e pôs em seu lugar seu espírito de comerciante e mercador. Ele foi o espírito do mal em nosso povo. Não se deve pensar que o judeu, pelo batismo, se transforme em outra pessoa. Da mesma maneira que um cachorro de rua, por meio da água, não pode se transformar em um nobre cão pastor, tampouco um judeu, mediante o batismo, pode tornar-se racialmente outro. O judeu continua sendo judeu. Por isso, também é errôneo falar do judaísmo como uma comunidade religiosa.

O judeu Münzer, em um momento de fraqueza, revelou abertamente a rota e a meta da campanha de destruição judaico-bolchevique: “Nós nos introduzimos como carcoma nos povos, infiltrando-nos e envelhecendo as raças; quebramos o vigor, tornando tudo brando, apodrecido, decomposto, com nossa cultura desvirtuada”.

O nacional-socialista rejeita o judeu com toda a decisão. Vê nele o aproveitador e parasita, reconhece nele o pior e mais perigoso inimigo da idiossincrasia e da mentalidade arianas. Isso o nacional-socialista nunca esquece, jamais. Mas não vê sua missão em destruições e invectivas insensatas, e sim na incansável tarefa de esclarecimento sobre o judeu.

A tomada do poder pelo nacional-socialismo quebrou a influência do judaísmo. Isso não deve levar a que agora descansemos em uma atitude contemplativa. O judeu é suficientemente astuto para tentar, sempre de novo, por caminhos tortuosos, reconquistar de forma fraudulenta as posições perdidas.

O grito de “A Alemanha desperta!” não deve jamais se extinguir no que diz respeito à questão judaica.

Comunidade Popular

Esta é a grande mudança que se operou em nosso povo e que tem visos de milagre: o sentido da comunidade, o conhecimento de que todos os membros do povo devem estar juntos nas boas e nas más horas, o conhecimento de que a penúria do último concidadão é a penúria de toda a Nação e o calvário deste também é assunto de todo o povo. Durante muitos anos, numerosos compatriotas se deixaram enganar pela ofuscante palavra de efeito da solidariedade internacional, encastelaram-se em classes e se consumiram no ódio entre irmãos. Orgulho de classe, inveja e malevolência imperavam na vida alemã.

Enquanto isso, marchavam na SA os portadores daquele sentido de camaradagem e de comunidade popular que havia ressuscitado na vivência das trincheiras.

O operário ao lado do acadêmico, o artesão ao lado do rapaz camponês, homens de todas as profissões e estamentos, exteriormente unidos pela camisa parda, interiormente compenetrados por um espírito e um pensamento. O professor marchava em fila com os meninos desocupados da Tropa de Assalto berlinense. Com lágrimas nos olhos, pediu-lhes o “tu” da camaradagem.

Em luta dura e ardente, a ideia da comunidade popular abriu caminho vitoriosamente. Quando penetrou fundo, pôde-se reconhecer pelos estrangeiros que chegam à Alemanha e comprovam como o mais chamativo a comunidade popular que se manifesta também exteriormente.

Trabalhadores do punho, trabalhadores da fronte, uma trindade viva, criadora, sustentada pelo espírito da solidariedade nacional. Quando jamais o mundo presenciou algo mais grandioso do que a Obra de Auxílio de Inverno alemã, que dá testemunho eloquente da essência e da vontade da comunidade popular alemã? Há algo maior que o exemplo daquele já desocupado há anos que sacrifica, com olhos luminosos, seu óbolo por aqueles concidadãos que estão em situação ainda pior que ele?[16] Que

16 Escrito em 1934. (N. do Editor).

significa, diante disso, o pequeno resto dos eternamente de ontem, que ainda continuam apartados? Que significa o lastimoso grupo diante da união do povo, que em sua totalidade reconheceu há muito o que importa? Nunca mais nos deteremos por alguns poucos faltos de caráter que se põem de través e que creem que sua “melhor ascendência” ou sua “maior riqueza” constituem para eles uma carta branca.

Potentemente ressoa a canção do trabalho criador através das comarcas alemãs, aquele trabalho que enobrece todos os concidadãos indistintamente onde estejam colocados, seja junto à bigorna, à escrivaninha, na galeria da mina ou com a vassoura na rua. O acorde fundamental dessa melodia, entretanto, é a vivência da comunidade popular. “Um povo unido de irmãos” marcha orgulhoso e alegremente rumo à aurora do Novo Reich!

Povo e Estado

Um Estado sempre pressupõe um povo. O povo é o conteúdo, o Estado apenas o recipiente, a forma, que deve servir ao maior e melhor desenvolvimento possível da vida e ao bem-estar do povo e que deve ser adequado ao seu ser e ao seu caráter. Sob o regime de Novembro, o Estado, considerando-se um fim em si mesmo, promulgou leis que, embora servissem a ele, à forma exterior e, por conseguinte, a seus usufrutuários, causavam, em contrapartida, um dano incomensurável ao povo e à nacionalidade. Todo judeu do Leste podia tornar-se cidadão mediante um ato simples e, assim, penetrar, carcomendo, na medula vital do povo alemão. O Führer deu, de forma totalmente clara e inequívoca, seu sentido ao Estado: “O Estado é um meio para o fim. Seu fim reside na conservação e promoção de uma comunidade de seres humanos física e psicologicamente da mesma espécie: o Estado não nos manda. Nós mandamos no Estado e, portanto, a nós, nacional-socialistas, foi confiado exercer o comando sobre o Estado e governá-lo”. A interpretação liberal deixava prevalecer sem restrições o indivíduo isolado e negava todo vínculo com o povo, omitia a relação do conceito de “povo” com a raça. Vimos assim, no passado imediato, o surgimento e o predomínio de influências raciais estranhas em todos os setores da vida alemã, da política, da economia, da arte etc. Um Estado que se desvincula dos valores raciais de seu povo deve desintegrar-se pela lei natural. Esses fenômenos de desintegração deviam ser barrados se se quisesse evitar que os alemães, assim como os gregos e os romanos, degenerassem e sucumbissem. Um povo só pode afirmar-se na história quando defende seus valores raciais e mantém sua raça livre de misturas estranhas à espécie. O Führer escancarou a porta para esse conhecimento e nos revelou novos horizontes.

A herança de sangue preponderantemente nórdica sempre se impôs na história alemã. Aos altos valores desta raça as culturas devem sua origem; a eles deve o povo alemão a linha heroica de sua história, a vigorosa força criativa, sua aptidão nos mais diversos campos. Como, portanto, nosso povo é, em medida decisiva, portador desta raça criadora de cultura, o

Estado impõe especiais obrigações para sua promoção e conservação (diretrizes para a conservação da pureza da raça, limpeza do corpo administrativo de elementos racialmente estranhos, afinamento). Embora o nacional-socialismo conceda a todas as raças que estão representadas no povo alemão, além da nórdica, portanto também à faliana, éstica, dinárica e báltico-oriental, direito e valor, exige, no entanto, a condução espiritual da que predomina em todos, sem exceção, isto é, a nórdica. Em nenhum caso, diz o Führer, um povo que se compõe de distintos núcleos raciais pode deixar sua vida ser determinada, nos interesses mais importantes, a longo prazo por duas ou três concepções ao mesmo tempo. Isso conduz, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, à dissolução de tal reunião antinatural. Mas, se isso deve ser evitado, então é decisivo qual componente racial é capaz de impor, com base em sua natureza, sua concepção do mundo, que fixa a linha segundo a qual deve transcorrer a evolução histórica do povo.

Ao reunir os seres humanos que, segundo sua predisposição mais íntima, pertencem a esta concepção de mundo e levá-los a uma comunidade orgânica, o nacional-socialismo se transforma no partido daqueles que, na realidade, de acordo com sua natureza, devem estar designados a uma raça determinada. Ele reconhece, a esse respeito, a realidade das distintas substâncias raciais em nosso povo. Também está longe de rejeitar em si esta mistura, que configura o quadro geral da expressão viva de nosso povo. Ele sabe que a gama normal de nossas aptidões é condicionada pela composição racial interior de nosso povo, mas deseja que a condução política e cultural de nosso povo receba o selo e a expressão daquela raça cujo heroísmo, por si só, graças à sua predisposição inata, criou o povo alemão a partir de um conglomerado de distintos componentes. O nacional-socialismo se pronuncia, com isso, por uma doutrina heroica da valorização do sangue, da raça e da personalidade, assim como das leis eternas da seleção. A luta por nossa raça significa simultaneamente a luta contra a contrarraça: o judaísmo. De acordo com o programa do NSDAP, só pode ser cidadão aquele que é compatriota; só é compatriota aquele que é de sangue alemão[17]. O alemão

17 Isto é, ariana (N. do Editor).

nasce como membro do Estado para conquistar, mediante espírito de sacrifício, cumprimento do dever e entrega total, o direito à cidadania. O orgulho e a honra do nacional-socialista devem ser poder pertencer como cidadão a um Reich tão esplêndido como o alemão, que o mais obscuro opróbrio e a vergonha, sob a condução de Adolf Hitler, abriram o caminho para a luz. Esse orgulho obriga a afirmar com a mais profunda convicção, junto com o Führer: ¡Eu não sou nada, meu povo é tudo!

Elevação Biológica do Povo

“Se um povo já não quer respeitar as qualidades de seu ser que lhe foram concedidas pela natureza e que residem em seu sangue, já não tem direito de lamentar-se pela perda de sua existência terrena”, diz o Führer em seu livro Mein Kampf. Todos os sucessos no terreno político e econômico, por mais imponentes que sejam, finalmente não frutificarão se não se consegue manter sã a raça em seu núcleo mais íntimo. São três os processos que, antes de tudo, podem ocasionar a degeneração ou até a destruição completa da raça e, com ela, da vida nacional.

1. O patológico hereditário, inferior, cresce exageradamente, invadindo o que há de são em nosso povo. Esse perigo existiu e ainda existe hoje? Ide alguma vez às casas de saúde, aos sanatórios e asilos nos quais débeis mentais, imbecis e alienados vegetam em sórdida apatia ou em furor selvagem. Deixai passar diante de vós esta coluna de desgraçados. Onde existe ali ainda o menor vestígio de risonha alegria juvenil e vigoroso desenvolvimento? Esses “seres humanos” provêm de uniões com taras hereditárias. Sabeis quantas crianças correspondem, em média, a uma união dessa índole?

Cinco! O instinto sexual aqui se desata sem nenhum obstáculo. Mas vocês também sabem quantas, ou melhor, quão poucas crianças um matrimônio hereditariamente saudável dá à vida? Duas, apenas duas crianças! Reconhecem o terrível perigo? A ampla corrente dos enfermos hereditários se lança sobre o país e derruba os fracos baluartes do que é saudável e valioso. Muito tempo teria passado, e a Alemanha teria se tornado um povo de inferiores, se o Führer não tivesse intervindo com mão firme. Não é espantoso se se considera que a Alemanha hospeda em seus inúmeros asilos e institutos, no total, 340.000 enfermos hereditários e seres humanos incuráveis, que, à custa do Estado, à custa do conjunto dos saudáveis, são cuidadosamente alimentados. A esse número se soma ainda a quantidade daqueles que têm predisposições patológicas, que chega, em números redondos, a 750.000. Enquanto o operário saudável tem à disposição para sua vida diária apenas cerca de 2,50 marcos, o Estado deve

gastar diariamente, para um enfermo mental, 4,50 marcos ou mais. Os gastos com um escolar saudável são de pouca monta em comparação com o que produz um escolar diferenciado. O novo Estado põe hoje o que é saudável e racialmente valioso sob sua proteção especial. Sua meta inabalável é: as boas correntes hereditárias devem chegar a predominar sobre o curso hereditário do anormal e patológico. A essa meta serve, entre outras, a lei para evitar a descendência hereditariamente patológica.

Como segundo processo que ocasiona a decadência nacional, deve ser visto o enfraquecimento da vontade vital, que dá ao povo sua jovem descendência. Nas últimas décadas, a cifra da natalidade decresceu cada vez mais de forma alarmante. No ano de 1874, para cada 1.000 habitantes ainda havia 40,1 crianças nascidas vivas; em 1914, já eram apenas 20,6; em 1932, a cifra já havia descido para 15,1. No ano de 1890, cada três mulheres alemãs tinham até então um filho nascido vivo; em 1910, uma em cada quatro; e, em 1930, já apenas uma em cada oito mulheres. Se, em 1884, por matrimônio havia, em média, ainda 4,8 filhos, essa cifra desceu, em 1914, para 3,9 e, em 1927, para 2,2. Hoje importa, em forma estimativa, apenas cerca de 1,91. Conjuntamente com o espectro ameaçador da morte nacional, existe o perigo encarnado no número relativamente alto de idosos, enquanto os aptos ao trabalho produtivo diminuem cada vez mais em número e devem alimentar aqueles. O número de idosos aumenta constantemente, o das crianças baixa. É insensato manter-se despreocupadamente no erro de que nosso povo continua sempre crescendo numericamente, porque já hoje se pode calcular com certeza que, no ano 2000, ele abrangerá apenas 46 milhões de pessoas, se não se puser fim a este imenso perigo. Em um núcleo de moradias que abriga dez famílias, deveriam correr por aí pelo menos 34 crianças, se, em nosso povo, nascimento e morte hão de manter o equilíbrio biológico.

O que acontece se nosso povo se reduz cada vez mais? Os países vizinhos, com forte natalidade, sobretudo os povos eslavos e asiáticos do Leste, em busca de espaço, arrebatarão nosso povo de fraca natalidade. O que é demasiado débil para engendrar vida nova, forte, é extinguido impiedosamente. Não teríamos sequer homens capazes em número

suficiente para lutar a fim de proteger nossas fronteiras. Com muita facilidade, inclina-se a desculpar o escasso número de nascimentos com razões econômicas. Em geral, porém, não são razões dessa índole, mas prefere-se viver a vida “livremente”; a postura inteiramente egoísta do liberalismo cavou a sepultura para o filho e chegou a ser considerado quase como algo distinto ter apenas, ou no máximo, dois filhos. Quem pensava na família, na grande família, na linhagem, no povo e na nação? Quem, em sua obrigação mais sagrada? Em Berlim, em 1927, morreram já 6.000 seres humanos a mais do que nasceram. Se se fecha à população das províncias a capital do Reich, que tem a triste fama de ser a cidade mais pobre em nascimentos do mundo, então dentro de 150 anos ela já teria apenas 100.000 habitantes em vez de quatro milhões. Esta espantosa realidade deveria ser suficiente para despertar a consciência do último alemão. O Governo Nacionalista tomou uma série de medidas econômicas e político-financeiras para reavivar a vontade pelo filho. A isso pertencem, entre outras, a lei sobre a concessão de créditos a matrimônios e a lei sobre a redução de impostos para famílias numerosas. Mas todas as medidas não são eficazes se cada um não reconhece o perigo e, a esse conhecimento, segue-se a ação.

O terceiro perigo que ameaça o destino racial de nosso povo são as invasões raciais estranhas. Durante a época de ocupação infiltrou-se sangue negro no organismo nacional alemão. 600 crianças mestiças “vagam sem pátria entre dois povos”, constituindo um imenso perigo racial. O elemento racial estranho se introduziu, também na Alemanha, por outras vias de invasão, especialmente na época, graças a Deus superada, em que seres humanos desenraizados das metrópoles se perderam, unindo-se em embriaguez e vertigem ao judeu, que é física e espiritualmente incompatível com nosso sangue e a mais terrível antítese de nossa essência nacional. Um novo mito, uma nova fé domina hoje nosso povo. A aurora emergiu sobre a Alemanha. Ainda não pôde desterrar as pesadas nuvens, mas está em avanço vitorioso e serão definitivamente vencedoras quando todo alemão, consciente de sua responsabilidade, viver de acordo com as palavras do poeta: E tens de agir como se de ti e de teu proceder dependesse o porvir das coisas alemãs e tua fosse a responsabilidade.

O Homem Nórdico

Há muitos milhares de anos originou-se a raça nórdica. Sua vida foi luta, nada mais que incansável luta contra as forças do ambiente de céus hostis, com animais selvagens, com o mar bravio. Semelhante luta formou a alma e o rosto desses seres humanos. A penúria lhes ensinou a ponderar, indagar, inventar. Com abundante bênção de filhos, esses filhos tornavam-se cada vez mais um “povo sem espaço”. A terra de lavouras e o pão já não os alimentavam. Então se reuniram sob a condução dos melhores e mais fortes e se puseram em marcha para buscar espaço vital. A roda solar, a suástica, era o sinal da salvação sob o qual migravam. Contingentes nórdicos chegaram ao Sul, à Grécia. Os homens loiros, de olhos azuis, logo chegaram a ser os senhores do país, que, com sua cultura criadora nascida do combate, impregnaram toda a vida. Se no Norte haviam edificado suas casas de madeira, aqui as fizeram de material mais duro. Casas, palácios e monumentos de mármore se ergueram em maravilhosa beleza! Poesia e investigação deram esplêndidos frutos, mas só enquanto esses seres nórdicos mantiveram pura sua raça. Por mescla com forasteiros extinguiu-se sua força criadora. Um processo similar teve lugar na Itália. Grécia e Roma deveram seu florescimento única e exclusivamente ao nórdico.

Há dois mil anos, novamente grupos étnicos nórdicos atravessaram a Europa. Eram nossos ascendentes mais próximos, os germanos. Por toda parte fundaram seus reinos: os ostrogodos e visigodos, os longobardos, os normandos. Quase todas as fundações estatais da Europa são mérito dos germanos. Eles eram os condutores, eles trouxeram os grandes inventores e homens de Estado; suas criações deram ao mundo um rosto nórdico. A imprensa, as ferrovias, os dirigíveis e muitas outras criações são devidas aos nórdicos. Pouco, demasiado pouco ouvimos sobre essas coisas nas escolas, mas tanto mais, em contrapartida, sobre a “barbárie” e o “vandalismo” dos germanos. Dessa maneira, foi possível que forjássemos para nós mesmos uma arma que, em mãos do inimigo, durante a Guerra Mundial, ele soube usar muito em prejuízo da Alemanha. Camarada! Sai

alguma vez para fora quando, em alguma parte, um antigo sepulcro germânico se abre à luz sob as mãos do investigador, e deixa que te mostrem ali, ou no museu, nas valiosas criações artísticas, quão alto grau possuía a cultura germânica. Vestígios de casas e utensílios de lavoura provam que os germanos não eram um povo nômade, sem sossego, mas que, como lavradores, estavam firmemente enraizados no solo e só obedecendo à necessidade buscavam caminhos rumo à distância. Folheia alguma vez as antigas salas populares germânicas, na Edda, na Canção dos Nibelungos e de Hildebrando, consulta o Heliand[18] e convence-te a ti mesmo da combativa busca e aspiração do germanismo pelos valores superiores e nobres. Sagrada e sublime ressoam, desde o fundo da história, o canto dos cantares da lealdade, da honra, da fé e do direito, da coragem do guerreiro disposto a morrer. Na mensagem das velhas lendas alemãs, conhece a íntima relação dos germanos com a natureza e suas manifestações, que por toda parte veem uma vivificação divina e diante disso se inclinam com veneração. A luta foi sempre o destino dos germanos. Tiveram de realizá-la para conquistar as terras de lavoura e o pão. Camarada! Abre para ti as fontes da história nórdico-germânica, das quais, puro e claro como a prata, brota em torrentes o saber acerca das coisas mais sagradas de teu povo e de teu sangue. Segundo Rosenberg, o atual povo alemão não constitui uma mistura uniforme e cinzenta, mas, sem dúvida, remonta em oitenta por cento ao germanismo. Camarada: mostra-te como verdadeiro portador e elo do sangue e do espírito germânicos!

18 O Salvador (N. do T.)

Sangue e Solo

Na Casa Parda de Munique existe um quadro no qual, atrás de cavalos que pateiam pesadamente e do arado reluzente, caminha o lavrador, o rosto radiante pelo sol que se eleva. Ao contemplar esse quadro, é como se dele fluísse uma bênção plena; sente-se inclinado a juntar as mãos em muda oração. Sente-se profundamente: ali, na terra de lavoura negro-parda, e naquele que a cuida, está a fonte primigênia do vigor do povo.

Durante séculos, o lavrador alemão sempre foi apenas objeto, por meio do qual os negociantes enriqueceram. Embora as guerras camponesas e algumas reformas epidérmicas tenham conseguido uma melhoria temporária, pouco tempo depois tudo estava como antes.

Quando o nacional-socialismo chegou ao poder, encontrou um campesinato espremido e quase exangue. O solo havia se transformado em mercadoria com a qual especulavam judeus cobiçosos; depois de terem deixado o camponês sem casa nem campo. O marxismo, de conluio com os patifes judeus, havia conseguido, mediante sua legislação anticamponesa, que os fundamentos econômicos do camponês fossem destruídos. Em ritmo vertiginoso, o camponês ia rumo ao abismo; parecia irremissivelmente perdido.

À última hora, a salvação chegou pelo nacional-socialismo, que havia inscrito essa salvação em sua bandeira porque via nela a condição obrigatória para a renovação e o renascimento do povo.

“A Alemanha do porvir será um Reich de camponeses ou não será”, dizia a consigna que o Führer deu apontando para o Norte. O campesinato é o eterno fiador do futuro do povo. Se, por um lado, ele assegura a alimentação e, com isso, a independência econômica e política da Nação, por outro, constitui o manancial inesgotável de sangue, isto é, da força vital alemã.

Sempre os povos sucumbiram quando seu campesinato se desintegrou ou foi aniquilado. De onde teriam de fluir os alimentos necessários para a

vida às cidades, se não fosse pelo camponês, que, com incansável laboriosidade, trabalha a terra, semeia e colhe? Como poderia perdurar nosso sangue se não existisse o camponês com seu excedente de nascimentos? Se, no ano de 1871, de cada dez alemães apenas um era habitante da cidade, em contrapartida, hoje em dia, quase um em cada três vive em uma grande cidade. Por isso, o Estado Nacional-Socialista impulsiona, por todos os meios, a renovação do campesinato. Este caminho de regresso ao campo é o caminho mais seguro para o melhoramento da espécie de nosso povo, assim como o caminho para a cidade, o êxodo rural das décadas passadas, foi o caminho para a tumba de nosso povo. O caminho para o campo deve ser transitado porque, por um lado, mediante isso, a área de alimentação de nosso povo é ampliada e porque está provado que, no campo, está a maior quantidade de berços que não estão vazios como nas cidades. À deficiência de nascimentos na cidade, de 42%, opõe-se nos distritos rurais um excedente de nascimentos de 13%.

Mediante a Lei do Estamento de Alimentação do Reich, foram assegurados ao camponês, no Estado Nacional-Socialista, preços justos, sem onerar o consumidor; mediante a Erbhofgesetz[19] o camponês foi ligado indissoluvelmente à terra. Cobiça capitalista, usurários e especuladores já não podem prejudicá-lo. Mediante um trabalho pacífico, persegue-se a meta que Frederico, o Grande, esboçou em uma ocasião: “Aquele que ali onde antes crescia uma espiga agora faz crescer duas delas, faz mais por seu povo do que um comandante de exército que vence uma grande batalha”.

E isto é algo grande e eterno no campesinato alemão: enquanto o habitante da cidade, em geral, se distanciou infinitamente das leis imutáveis da natureza e, na era liberal-capitalista, perdeu quase por completo o vínculo com ela, em contrapartida o camponês se manteve tanto mais próximo dela e de suas leis. Sua força primigênia e sua naturalidade rejeitavam as frivolidades e superficialidades, não se submetia às loucuras da moda estranhas ao povo e, quando isso acontecia, o sangue sadio sempre voltava a expulsar bem cedo o corpo estranho.

19 Lei de propriedade rural hereditária (M. ~ T.)

No vigoroso campesinato, deviam romper-se doutrinas enfermiças, quimeras desviadas e ilusórias.

Frequentemente, na era liberal, zombou-se do camponês tolo, o que é uma prova do quanto eram enfermos os cérebros daqueles que assim agiam, que não sabiam dar outra interpretação à simplicidade e à união do camponês com a natureza. Ano após ano, o camponês tem a vivência da semeadura, do crescimento, dos frutos e da plena realização. Aquele que cumpre e executa leis ordenadas por Deus e pela natureza está mais próximo do que todos os outros dos profundos conhecimentos sobre a existência humana.

Camarada! Aquele que é um verdadeiro camponês deve estar em tua mais alta honra e estima. Seu arado e a espada, que ele sabe manejar com igual segurança, devem ser para ti símbolos sagrados.

Direito Alemão

Nossos antepassados, os germanos, tinham, como consequência da estreita união com a ordem natural, uma legislação elevada. Seu direito era um verdadeiro direito popular. Pela nefasta influência do direito “romano” estrangeiro, contra o qual sobretudo os saxões, sob a liderança de Widukind, se defenderam até a morte, o direito popular alemão, ligado ao sangue e à terra, foi cada vez mais sufocado. Introduziram-se assim conceitos no direito alemão que de maneira nenhuma concordavam com o são sentido vital do alemão. O direito romano terá seu valor para aqueles que o criaram com base em sua idiossincrasia e em sua espécie. O povo alemão necessita de um direito que se estruture com base nas necessidades vitais alemãs, um direito que sirva ao povo. O ministro do Reich, Dr. Hans Frank, verteu nas seguintes palavras a concepção legal da nova Alemanha, falando assim como a partir da alma de todos os que se sentem alemães:

“Tudo o que beneficia o povo é direito. Tudo o que o prejudica é delito!”

O conceito de povo, porém, abrangia seus valores internos. Para eles, a política legal nacional-socialista dirige consequentemente o olhar; de acordo com eles se orienta a renovação do direito. Estes valores da Nação são:

O Estado, a raça, o solo, o trabalho, a honra, os valores espirituais e culturais, a força de defesa.

Com isso, o Estado nacional-socialista retoma a velha concepção do direito germânico, prepara o caminho para aquele direito que “nasceu conosco”.

De uma colaboração viva de todos os círculos do povo alemão, que estão em constante comunicação de sentimento e de sangue, há de surgir o direito. O direito, então, já não será o frio raciocínio “lógico” de um cientista seco; antes, um novo tipo de jurista entra em cena, um homem que, em primeiríssimo lugar, é compatriota e cujo coração bate com o coração do povo. A atmosfera poeirenta de fria e desapaixonada

“objetividade”, a maquinaria das leis que trabalha desesperadamente devagar, cedem diante do novo direito, cujas águas do sentido jurídico nacional fluem puras e claramente. Popular e próxima do povo há de ser a vida jurídica do futuro.

O juiz futuro, que passou pela Hitlerjugend e pela SA, que mais tarde esteve no acampamento de bacharéis em Direito como concidadão entre concidadãos, será um verdadeiro guardião do pensamento nacional-socialista em matéria de direito. O espírito e o conteúdo do novo direito do povo alemão repousam na concepção de mundo nacional-socialista.

Ainda que, na atualidade, ainda aqui e ali, pedantes do articulado estejam inclinados sobre maços empoeirados e adornem palavras e números vazios com fórmulas e “normas”, a voz do sangue se ergue clara e sonora, e um povo encontra seu direito próprio no sangue, sua idiossincrasia.

O Conceito de Propriedade

“Todo proprietário de uma coisa pode proceder com ela de acordo com seu livre-arbítrio”, diz um artigo do Código Civil. (Art. 903). Isto é, segundo Rosenberg, a inversão da sentença do antigo direito alemão segundo a qual o benefício comum está antes do benefício particular.

Um lavrador que deixe sua terra, embora tenha cem títulos de propriedade sobre ela, sem cultivá-la, ou que a venda a forasteiros para fazer dinheiro, se age conforme o princípio liberal-materialista do Código Civil, seu proceder está no contraste mais absoluto com o pensamento do benefício comum e, por isso, deve ser condenado com toda severidade como antialemão, de tal forma que de semelhante pessoa sem consciência seja subtraída a propriedade da terra, para que esta possa ser posta a serviço de toda a comunidade. Toda propriedade que não serve à totalidade do povo, mas que é aplicada em seu detrimento, deve ser arrancada de seus proprietários inescrupulosos, de acordo com o princípio nacional-socialista. A propriedade adquirida ilegalmente não é reconhecida como propriedade. Assim como o bem obtido por roubo ou furto não chega a ser propriedade legítima do ladrão, tampouco o bem adquirido por especulação duvidosa, por usura e intermediação lícita pode ser aceito como propriedade.

Toda propriedade adquirida legalmente, porém, que é aplicada no interesse da comunidade do povo encontra a proteção mais enérgica do nacional-socialismo. Para todos os que possuem propriedade resulta disso uma lei inamovível: “A propriedade obriga!” Obriga não só a torná-la utilizável da melhor forma em benefício do povo, mas também ao sacrifício diante daqueles que, sem culpa própria, sofrem penúria; obriga porque são nossos irmãos e camaradas.

Pátria, O Lar Nacional

Os sedutores se levantaram. Disseram: “Não conhecemos nenhuma pátria que se chame Alemanha! O lar e a pátria nós os temos em toda parte onde nos vá bem”. Quão pobres, quão imensamente pobres são esses seres humanos, ainda que se vistam de púrpura e seda e disponham de tesouros incalculáveis!.

Pátria-Mãe! Palavra, tu, de doce som encantador. Ninguém te sente tão profunda e ditosamente como o alemão; nenhuma alma humana vibra tão límpida e sente tanto júbilo quanto a alemã quando escuta esta palavra. Pátria-Mãe! Mar bramante no Norte, murmurando sobre os dias heroicos dos primeiros antepassados; cumes coroados de neve no Sul, nos quais mora a liberdade; colinas de vinhedos banhadas pelo sol no Oeste, das quais canções alemãs se elevam em feliz devaneio na noite de estio; bosques sussurrantes no Leste, de cuja voz nos fala uma advertência eterna: Pátria-Mãe, tu!

Pode ser que o mundo seja belo, que ofereça maravilha após maravilha, que oculte lendas das Mil e Uma Noites; no melhor dos casos, elas podem apenas fascinar, ludibriar os sentidos, mas a alma alemã sempre volta à Pátria-Mãe, por mais pobre que ela seja. Para mais de um que, com desprezo, lhe virou as costas para buscar sua felicidade no estrangeiro, o caminho de seu afastamento foi, na realidade, o caminho de casa. Mais de um que partiu balbuciou, como última palavra, o pedido de poder descansar em terra alemã.

Pátria-Mãe! Deu a todo aquele que cresceu dela um pedaço dela mesma dentro de seu sangue. Por isso nosso coração está apegado a ela; por isso a abraçamos com todo o nosso amor; por isso ela nos é sagrada e nos compromete ao empenho de nossa vida quando está ameaçada.

Ela nos sustenta e mantém, recebe-nos com braços maternais quando entramos no descanso e nos deita, suave e cálida, em seu seio.

Não há nada maior do que morrer pela Pátria-Mãe, sacrificar-se por sua integridade, para preservá-la aos descendentes.

Canções passam por sobre a charneca, soam desde as montanhas até o Belt, desde o Maas até o Memel, canções das quais fala a esperança e o amor pela Pátria-Mãe, canções que são imortais porque as crianças as recebem já no ventre materno e as transmitem de geração em geração. Canções que são eternas como a Pátria-Mãe que cantam.

O alemão ama sua pátria com todo o fervor de seu coração nos dias bons e mais ardentemente ainda nos dias de penúria. Tudo isso, porém, pertence àqueles cuja pátria é a talega e que, na baixeza de sua mentalidade, veem em toda parte sua pátria onde lhes vá bem.

Nobreza do Trabalho

De acordo com o conceito do Antigo Testamento, o trabalho é uma maldição. O liberalismo fez sua essa falsificação: o trabalho não é mais que mercadoria, que deve ser vendida ao preço que a oferta e a demanda “fixem”. O burguês considerou o trabalhador do punho como um ser humano de segunda ordem, um mal necessário que era preciso evitar. O odor de suor e trabalho não era apropriado para os narizes dos senhores “finos”; estes eram aqueles que exploravam avidamente o lucro do trabalhador e engordavam com seu suor. O abismo entre capital e trabalho foi aberto de modo espantosamente profundo. De um lado estava o trabalho, desprezado de todo valor ideal e de todo sentido ético, sentido cada vez mais como carga opressiva, como estupidez digna de lástima; do outro lado, o capital nas mãos de miseráveis, que bailavam a demencial dança ao redor do bezerro de ouro, cujas máquinas dia e noite martelavam ao ritmo de “recolher vorazmente, recolher vorazmente”. Nenhum deles pensava em criar valores por meio do capital, para o povo e a nação, e, assim, o capital era um fundamento morto!

A Alemanha Nacional-Socialista conhece apenas uma nobreza, a nobreza do trabalho, a nobreza do rendimento.

Onde quer que estejas colocado, seja na galeria da mina, sobre a coberta do navio, na plataforma da locomotiva, junto ao trovejante martelo de forja, ou ao arado, no escritório ou no púlpito do professor, todo trabalho é nobre, e o varredor não é de nobreza menor que o conselheiro de Estado sempre que este esteja a serviço de seu trabalho e nada mais.

Trabalho é felicidade, trabalho é alegria! Sob esse pensamento deve estar tua labuta diária. Trabalhador manual: não subestimes tua atividade; ela também é necessária. Que resultaria se tivéssemos apenas empregados, apenas trabalhadores intelectuais e nenhum trabalhador manual? Também tu és uma roda importante na grande fábrica; também tua atividade é essencial para o bem-estar do povo.

Envergonhas-te de teu saco sujo de terra e remendado? Leva-o com orgulho, meu camarada. Nobre é o suor que o impregnou, e sagradas são as marcas de tua laboriosidade; todo remendo vale como distintivo de honra de tua incansável labuta.

Trabalho é bênção! Que há de mais belo do que produzir com ardente zelo? Que alegria maior do que ver crescer sob teus cuidados e sob tuas mãos algo vivo? Tua obra, que pode dar-te maior orgulho? Tu não trabalhas unicamente pelo dinheiro; então serias um triste escravo diarista. Tu trabalhas porque o trabalho é para ti o sentido mais profundo da vida, porque vês nele um pedaço da força divina de criação e formação, que, sobre a vida cotidiana cinzenta, te eleva rumo às estrelas. Trabalho não é apenas dever para ti; é teu direito sagrado, é um dom de Deus. Feliz de ti se tens teu espírito são, teus membros sãos!

Algo infinitamente triste há naquele que não tem trabalho, que gostaria de produzir com mãos alegres e sentimento jubiloso, e a quem não é permitido produzir, e que se sente expulso do círculo daqueles que agem e trabalham. Mas ele tem ao menos o anseio pelo trabalho.

Mas, ai daquele que não traz em si esse desejo e que desperdiça seus dias. E, ainda que estivesse ataviado de ouro e púrpura, sua condição é mais miserável que a do animal que luta para suprir as necessidades e o sustento de sua existência.

Aquele que não trabalha não tem direito a alimentar-se. “Só conquista a liberdade, assim como a vida, aquele que deve conquistá-las diariamente!”

Sagradas são as cicatrizes do soldado, mas não menos sagrados são os calos do homem do trabalho.

Serviço de Trabalho

O Serviço de Trabalho é serviço no povo alemão, não apenas ao trabalhar o solo alemão para que brotem duas espigas onde antes crescia apenas uma, mas sobretudo porque, ao mesmo tempo, trabalha o jovem alemão, de tal modo que também esta terra de lavoura viva traga o dobro de frutos maduros para nosso povo. Esta é uma frase do Reichsarbeitsführer[20] Hierl.

É difícil avaliar em toda a sua dimensão os extraordinários benefícios materiais e educativos do Serviço de Trabalho, criação revolucionária do regime nacional-socialista. Soldados do trabalho marcham hoje, com a enxada ao ombro, por todas as comarcas alemãs. Em formação, ao lado do filho do conselheiro, marcha o camponês e o trabalhador. O filho do acadêmico que não sabia quão difícil é trabalhar duramente com as próprias mãos aprende a compreender o rapaz operário e, inversamente, o operário aprende a ter respeito pelo trabalho intelectual. Não é intenção do Serviço de Trabalho recolher os desocupados da rua; o Serviço de Trabalho é, antes, a grande escola de educação socialista de nosso povo, que gravou a nobreza do trabalho em suas bandeiras. Serviço de Trabalho é a viva vontade de ação pela comunidade; Serviço de Trabalho é o socialismo transportado à ação. Pela vivência e pela ideia, é criado um novo tipo de trabalhador alemão. Na singela jaqueta cor de terra do Serviço de Trabalho, a juventude alemã abre caminho para o trabalho alemão na senda rumo à liberdade.

No Dia do Partido do Reich, em 1934, o Führer declarou aos homens do Serviço de Trabalho:

“Por vossa escola passará toda a Nação! Chegará a época em que nenhum alemão poderá incorporar-se à comunidade do povo sem ter passado previamente por vossa comunidade. E sabemos que, então, para milhões de nossos compatriotas, o trabalho já não será um conceito divisor, mas de união de todos, e que, em especial, logrará que não viva

20 Chefe do Serviço de Trabalho do Reich (N. do T.)

ninguém na Alemanha que veja no trabalho manual algo inferior a qualquer outro.”

Espírito de Heróis e Espírito de Mercadores

A vida do ser heroico é dominada única e exclusivamente pelo pensamento: como sirvo da melhor maneira ao meu povo? A vida do indivíduo de orientação mercantil está repleta de outra preocupação: como obtenho ganhos de meu povo?

Aqueles são idealistas; estes, materialistas. Aqueles impregnam sua existência de altas metas, veem sua missão no serviço à comunidade e empenham nisso seu sangue e sua vida. Estes pensam apenas em organizar para si uma vida o mais repleta possível de prazeres, sem consideração pelo bem-estar dos outros. O materialista busca unicamente, com a ajuda de seu dinheiro: títulos, condecorações, mulheres, luxo. Seu Deus é Mamom; sua religião, o negócio. Não se importa em trair ou violar, por vantagens pessoais, aquilo que para outros é sagrado. Esse espírito nefasto dominou durante longo tempo a vida alemã, até que o Führer deu ao povo uma nova fé e, em meio a um séquito pequeno, mas fanático, em difícil luta tomou de assalto baluarte após baluarte do adversário e plantou neles o estandarte do movimento de libertação alemão. O idealismo alemão, o espírito heroico, triunfou sobre o materialismo antialemão, triunfou sobre o espírito mercantil. Imbuir de uma moral heroica nosso povo até o último homem é a grande tarefa que exige nossa entrega total.

O espírito heroico em sua transfiguração mais pura se manifesta no homem que se entrega a uma ideia que, segundo a opinião da massa — e talvez também segundo sua própria opinião —, por ora parece perdida, mas, apesar disso, insiste com a fé de que seu sacrifício atuará como exemplo e de que a chama inextinguível de sua própria vida poderá acender-se em centenas e milhares de outros e conduzi-los à vitória. Com esse espírito tombou um Albert Leo Schlageter.[21] Animado por esse pensamento, mais de um ficou estendido lá fora diante do inimigo, morreu, apesar de saber que sua causa justa havia sido traída,[22] morreu com a fé em uma Nova Alemanha que irromperá de torrentes de sangue sacrificial.

21 Fuzilado pelas tropas da França judaica ocupantes do território alemão do Ruhr. (N. do T.)
22 Alusão ao soldado alemão da Grande Guerra (N. do T.)

Heroicamente morreu Winkelried, que, para abrir uma brecha para seus homens, agarrou as lanças cintilantes que o inimigo brandia diante dele e as cravou no peito.

O procedimento heroico não precisa revelar-se somente na luta e na guerra. Também a vida cotidiana dá à luz heróis.

Combatamos todas as almas de mercadores e todos aqueles que, com seu Eu, praticam idolatria! Nossa vida pertence ao povo: se vivemos, vivemos para a Alemanha; se morremos, morremos pela Alemanha! Quer vivamos, quer morramos, é sempre pela Alemanha!

Covardia e Espírito de Defesa

Pacifismo significa fazer a paz a qualquer preço. Ainda que seja uma paz do opróbrio e da desonra, uma paz que é pior, em suas consequências, que a pior das guerras. Paz, só paz! Pacifismo é covardia por princípio.

Nunca mais guerra! Assim escreveram e gemeram, romperam defesas e armas em ruinosa submissão. “Nunca mais guerra!” foi o lema quando arrancaram dos livros de leitura das crianças todas as canções que recordavam a Pátria, a liberdade e a luta. Nunca mais guerra! Isto é o mesmo que se se gritasse bravamente: Nunca mais tempestade! Nunca mais tormenta! Nunca mais furacão! Por mais que possam ser profundos os danos causados por esses poderes da natureza e por mais profundas as feridas causadas pela guerra, ela será inevitável enquanto os homens habitarem esta Terra e não coortes de anjos que agitam palmas.

O pacifismo é uma miserável traição à Pátria. Entrega a um povo a corda do suicídio para evitar a morte. Não lhe importa que, como aconteceu na Alemanha, milhares e milhares sucumbam sob os efeitos de uma paz que é violência, que milhões de seres humanos encham as ruas como desocupados. Essencial para ele é somente: há paz! E isso mesmo que uma paz possa ser pior que a pior guerra! Todo animal se defende contra seu verdugo, defende-se contra a morte.

O homem só deve defender-se quando lhe fazem sofrer uma injustiça, quando estranhos o violentam? Pela santa paz, deve dizer sim e amém a todo tormento e opressão? É assim que se salva o pacifismo, essa monstruosidade repugnante de cérebros anormais e doentios.

Aquele que não se defende nem luta sucumbe neste mundo de duras realidades, e tampouco merece melhor sorte, porque não se prestaria nenhum serviço à humanidade se fossem procriados seres débeis e criaturas covardes.

“Nada do que é grande neste mundo, assim diz o Führer, foi concedido ao ser humano; tudo deve ser arrancado e conquistado por meio

da luta”. Inexoravelmente, o destino passa por cima daquele que não sabe lutar.

Assim como na existência individual, também na vida do povo. Os povos que se enervaram, que confiaram na bondade e na amizade de seus notórios inimigos e renderam homenagem à ideia da paz “a qualquer preço”, foram aniquilados. Tampouco mereceram outro destino, porque desse modo já não traziam nenhum progresso à humanidade.

Está claro como o sol que um povo débil que vive em simples moleza provoca o adversário forte. Seu chamado ao amor pela humanidade se afoga no grito de triunfo do vencedor.

Nosso povo alemão confiou nos cantos de sereia de falsos profetas e depôs as armas num momento em que o último alento talvez tivesse assegurado a vitória alemã. A triste consequência foi uma paz infame, como nenhum povo da Terra jamais conheceu. Enquanto a Alemanha se desarmava até ficar de camisa e se oferecia como um cordeiro disposto ao sacrifício diante do círculo de brutais carniceiros, estes se armavam, rindo de suas cínicas promessas, nas quais haviam confiado, blindavam seus homens e seu país, criando armas de dimensões gigantescas e poder aniquilador.

Não bastou que os falsos profetas na Pátria destroçassem a defesa externa; muito pior foi que quebrantassem a disposição interna do povo para a defesa. Escola, teatro, cultura, toda a vida pública foi infestada por um pacifismo doentio. Se os meninos brincavam de soldados, isso já era considerado perigoso para o Estado!

Adolf Hitler foi quem deu um basta a essas tristes figuras e pôs fim a esse repulsivo espírito decadente e traidor. Ele não quer uma guerra, porque conhece seus horrores, mas o povo deve estar pronto para defender sua existência e seu futuro se inimigos ávidos de butim o atacarem. O Führer quer para a Alemanha igualdade de direitos com os outros povos, quer uma paz de honra. Se os outros se armam, então não lhe restou outra coisa senão tomar as medidas necessárias para assegurar sua existência. Como os outros recusaram, a Alemanha separou-se da Liga das Nações, e

todo o povo alemão aprovou esse passo de seu Condutor e deu expressão esmagadora à sua exigência de igualdade de direitos. Com base nessa confiança, o Führer pôde promulgar, em 16 de março de 1935, a Lei sobre o Serviço Militar Obrigatório Geral, restabelecendo com isso a honra do povo alemão.

Disposição para a defesa não significa clamor de guerra, não tem nada a ver com ânsias de conquista. A disposição para a defesa é de natureza pacífica, mas faz com que todo um povo, sob as armas, guarde as fronteiras quando seus inimigos o ameaçam. Um velho provérbio diz: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra!” Isso não significa outra coisa senão estar sempre alerta.

Defesa e armas são a honra do homem. Se as perde, está desonrado. O Homem-SA afirma, com alegre coração, a disposição para a defesa. Apesar de não ser materialmente portador de armas da Nação como o Exército do Reich, seu espírito está sempre sob as armas.

Moral do Soldado

Se uniformizam um homem e lhe põem armas na mão, com isso ele ainda não se transforma em soldado. Ao contrário, alguém que talvez só tenha à mão um porrete, ou nem sequer isso, pode muito bem ser soldado. A condição do soldado é, portanto, não tanto uma questão exterior quanto a predisposição e as atitudes internas.

A moral do soldado, portanto, não depende da arma. Só pode ser Soldado aquele que se empenha totalmente por uma causa reconhecida por ele como boa.

O empenho total de sua pessoa, de todas as posses e pertences, é a condição prévia, primeira e essencial para a verdadeira condição de soldado.

Com isso, todo aquele que se entrega totalmente já encarna um modo de ser miliciano. Falamos por isso também de soldados do trabalho, soldados do bem comum.

O mineiro que desce à profundidade repleta de ameaças, o marinheiro que guia seu barco através da ondulação sinistramente ameaçadora, o aviador que pilota sua máquina através de nuvens e vento, eles são soldados.

O soldado é um inimigo jurado de toda mediocridade. Desde o conhecimento mais profundo, vive segundo a palavra do poeta: “a liberdade e o reino dos céus não os ganham os medíocres”. O soldado odeia tudo o que oscila e cambaleia, conhece apenas um claro Sim ou Não. Nada lhe repugna tanto quanto o mesquinho “meio-termo”.

O soldado despreza a frase altissonante, multifacetada, assim como a tibieza e todo alarde e vanglória. Com justificada desconfiança, vê por trás dessas coisas vacuidade afetada e oca.

O soldado olha com desprezo para os que fazem negócios, que, frios até o coração, conhecem apenas uma meta: encher suas contas bancárias à custa de um povo que defende o que há de mais sagrado com milhões de sacrifícios de sangue. Literatos judaizados cunharam a vergonhosa expressão do “campo da desonra” e falsificaram a palavra de Pidder Lüng: “antes morto que escravo” em “antes três vezes escravo do que morto”.

O soldado não ama a morte, mas tampouco a teme. Sempre a prefere à servidão. Morrer não será fácil, mas a escravidão através das gerações é morrer mil vezes.

O soldado é a encarnação da palavra do poeta: “E se não empenhais a vida, jamais a ganhareis!”

A condição de soldado nada tem em comum com o militarismo. Se a primeira é sustentada pela vontade moral de um povo, o militarismo dirige seus canhões para fora e se compraz no fragoroso tanque de aço.

E foi o espírito guerreiro do Homem-SA que constitui um exemplo para seu povo, que salvou a honra da Alemanha do pântano liberal-marxista.

Coragem e Virilidade

“Nem todo dia pode resplandecer a luz do sol...” diz a canção dos prussianos. Nem todo dia enlaça rosas ao redor da fronte.

Tampouco deveria ser assim, porque “nada é mais difícil de suportar que uma série de belos dias”. É que então se acostuma tanto com eles que já não impressionam como felizes. O costume embota. Quão bom é que no céu, às vezes, o Sol se cubra e se esconda. Quando, depois de longos dias escuros de chuva, ele volta a irromper, não resplandece muito mais claro e radiante?

Camarada SA! Não te deixes amargar a vida por preocupações, desilusões e penúrias. Um verdadeiro Homem-SA mantém sempre a cabeça erguida. E se algum dia ele te golpeia com especial dureza, aperta os punhos, enrijece teu corpo e deixa que duas palavras te deem novo ânimo: “Eu quero!”

Deixar cair a cabeça, ficar angustiado, sentir-se mortificado em toda ocasião

como uma velha solteirona a quem, na velhice, se dá mais um ano, isso não é próprio de um

Homem-SA; desonra-o e o espírito da tropa. Um coração autêntico não pode ser aniquilado!

Não te deixes dominar pelas coisas, mas toma as rédeas e assenhora-te dos acontecimentos;

este é o modo de viver.

E, se te foi dada uma tarefa que te parece difícil, enfrenta-a valentemente, com firmeza resoluta

e vontade plena. A indecisão, a tibieza e a mediocridade não correspondem ao modo de ser do

homem ariano.

Pensamentos covardes, a hesitação temerosa,

indolência feminina, medo lamentoso,

não mudam a miséria, não te libertam.

Apesar de todos os poderes, manter-se,

nunca se inclinar, mostrar-se forte,

chama os braços dos Deuses[23].

Foges da responsabilidade? Então não és Homem-SA. O Homem-SA responde sempre por seu proceder. Temes fazer algo mal? É melhor fazer algo de qualquer maneira, ainda que com o perigo de fazê-lo mal, do que não empreender nada; se tua ação depois se revelar desacertada, podes aprender com ela e tirar proveito.

Com coragem e virilidade, o Homem-SA confessa-se sempre pelo Führer e pela Ideia. E, se canhões de fuzis se dirigem ameaçadores contra ele, se o esperam torturas e a morte, seus olhos consagrados à morte resplandecem em heroica disposição, e seu coração possui o saber da imortalidade de seu espírito.

Camarada: sê um homem íntegro e, como tal, transita pela vida!

23 Goethe (N. do T.)

Camaradagem

Camaradagem é uma palavra sagrada. Como tudo o que é grande no mundo, ela não tem suas raízes no abrigo satisfeito e agradável das pacíficas quatro paredes, mas lança suas raízes profundamente no solo que revolveram as granadas e que bebeu, em anos de sangue, o sangue sacrificial dos homens agonizantes. A camaradagem não está em casa na conversa alegre com os companheiros de taberna; ela se revela ali onde a morte brande a foice tingida de sangue, onde perigos e dores se desencadeiam, onde os gemidos dos homens feridos de morte passam sobre os campos pisoteados. Recém no perigo, na opressão e na morte vêm à luz os bens eternos do coração. Camarada: deixa que teu pai ou teu irmão te conte: durante horas, o fogo de granadas se abateu com fúria sobre a posição alemã. Era como se a terra quisesse rebentar.

Ali, não se ouvia, vindo da barreira de arame farpado, que, em pedaços e destroçada, se erguia rígida, como uma voz de socorro suspirante? Uma vez e outra, e agora com toda nitidez. O infante Brand esquadrinha, com sentidos aguçados, através do bramido infernal. Um civil, no entanto, é operário, operário “consciente de sua classe”. Isto, não faz muito tempo, em casa, durante a licença, voltaram a inculcar nele.

Reflete: aquele que ali adiante geme na barreira de arame só pode ser o homem que saiu em patrulha e não voltou. E esse homem é o suboficial Werner, de profissão professor secundário, um que estudou, portanto, um burguês. Assim pensara o mosqueteiro Brand de vez em quando, mas agora, ao escutar esse gemido, já não pensa nisso. Oh, não! O estertor do ferido de morte traspassa-lhe o coração. Por seu sangue corre ardente a irmandade.

Ela o impele a sair da trincheira, embora saiba que isso pode significar sua morte e que então, em casa, quatro filhos e uma mulher

enferma esperariam em vão pelo pai... O mosqueteiro Brand rasteja com dificuldade através do arame renovado, por fim alcançou o camarada. Tão carinhosamente não teria falado nem à sua mulher quando ela era sua noiva, como fala agora: “camarada, camarada…”

Em meio a um fogo furioso, ele carrega com esforço o camarada terrivelmente ferido e o leva para o abrigo da trincheira. Quando ele mesmo quer descer, é atingido e arremessado ao lado do homem que acaba de salvar. Um último olhar ardente recai sobre este, e um último balbucio o saúda: “Camarada!”

Homem-SA! Tu conheces a camaradagem pela vivência da época de luta. Talvez, às vezes, tu mesmo não tivesses nada para comer, mas, com um sorriso feliz, davas ao camarada ainda mais pobre o que tinhas de último, fazendo de conta que estavas satisfeito e tinhas em abundância. Talvez até tenhas aparado, com teu braço ou tua cabeça, o golpe que, na ardente batalha de salão, estava destinado a um de teus camaradas. A herança mais pura do Front, a camaradagem, parecia ter-se afogado no pântano do egoísmo; então foste tu, Homem-SA, que a arrancou da lama e desdobrou sua ideia como uma bandeira luminosa. A um mundo da avidez mais crassa, tu opuseste a ideia do Front, de viver uns para os outros e de morrer uns pelos outros, e com ela venceste o mundo do diabo.

Os perigos do tempo de luta, que te cercaram agressivos durante anos, passaram, mas ainda não foi superada a penúria de numerosos camaradas e compatriotas. De uma destruição de quatorze anos não se pode construir algo novo com um simples gesto da mão. Deixa que essa penúria, camarada, seja de agora em diante o lar de teu espírito de camaradagem. Deixa que aqui ele atue com idêntica vontade de sacrifício que em teus pais na trincheira, tão valente e fiel como em tuas fileiras durante os anos de luta.

Pode ser, certamente, que algum dia tenhamos de pôr novamente à prova a camaradagem em meio a perigos ameaçadores, carregados de sangue e morte; então ela deverá ser pura e resistente, deverá ter-se fortalecido e temperado no sacrifício pelo irmão que ainda sofre.

E mais uma coisa: a camaradagem não é tal se sempre apenas admira e elogia; a camaradagem também deve saber advertir, deve saber censurar, para preservar o camarada do negativo ou para afastá-lo do mal. Só em um ponto a camaradagem termina: quando o proceder do camarada prejudica a comunidade, cujo bem-estar vale mais que o do indivíduo. Aquele que age contra a comunidade perdeu o direito à camaradagem e cai sob sua justiça vingadora.

Camarada! Organiza tua vida de tal maneira que os sobreviventes possam dizer um dia junto

ao teu túmulo, com honesta convicção:

Tive um camarada,

melhor que ele não encontrarás…

Tive um camarada,

melhor que ele não encontrarão...

Disciplina

Há uma disciplina que se pode comprar e forçar com promessas e prêmios ou por castigos, e há uma disciplina que é voluntária. Só esta tem valor!

Se o canalha interior quer rebelar-se contra uma subordinação voluntária, cabe a ti travar essa luta e vencê-la.

A disciplina de uma tropa é sempre a imagem refletida de seu líder. Será voluntária se o líder souber conquistar a confiança e o amor de seus homens. Para isso, ele próprio deve ser exemplo. Se talvez todos os seus homens vacilem, ele deve marchar adiante e ser exemplo luminoso. Se não conseguem vencer o canalha interior, a desobediência e a rebeldia, deve arrancá-los da profundidade surda da frustração. Os homens devem sentir respeito. Então representarão, em subordinação voluntária, um séquito que, a todo momento, é capaz de atravessar o fogo.

A disciplina não é tanto uma questão dos subordinados quanto dos líderes. Nem o homem fraco nem o homem bruto podem conquistar os corações e alcançar a subordinação voluntária, que se baseia única e exclusivamente na confiança firme como uma rocha no líder e na fé inabalável nele.

É verdade que a disciplina pode ser inculcada por meio de exercício severo. Mas o exercício sempre pode ser apenas um meio auxiliar. A verdadeira disciplina só pode surgir quando, às formas exteriores do exercício, se une sua inculcação por meio do ensino de qualidades morais.

Estás parado no front, camarada. Teu líder te acusa, sem fundamento, de alguma baixeza. O sangue começa a arder em ti de indignação. Sentes o

desprezo dos camaradas. Por Deus! É tremendamente difícil não perder o tino. Mas tu te calas, estás firme como ferro, não porque temes o castigo, mas porque sentes em ti a obrigação imposta pela disciplina.

Mais tarde, procuras teu líder, esclareces tudo de forma tranquila e cortês. Assim que ele se convencer de tua inocência, não deixará de absolver-te diante do front.

Pela disciplina e, com isso, pela comunidade, às vezes deves calar ou agir em contradição com tua opinião pessoal. Deves fazê-lo porque tu não és nada[24], a comunidade é tudo.

24 Isto é, que o indivíduo considerado isoladamente, à margem da comunidade na qual só pode realizar-se, não existe realmente como homem completo. (N. do Editor).

Luta

Nada cai no colo de ninguém; tudo o que é grande deve ser conquistado na luta. Em toda época houve iludidos que sonhavam com uma idade de ouro, na qual não haveria mais luta, mais combate. Em geral, eram homens fracos, moralistas hipócritas por incapacidade, que pensam que a natureza e a vida devem subordinar-se à sua fraqueza. No momento em que já não há luta, já não há movimento; toda vida perece. Vai um dia lá fora no outono, quando a tempestade brame através dos bosques, ou quando ela vem em redemoinhos durante a primavera; olha como se quebra tudo e cai aquilo que está carcomido e podre e já não é apto a dar flor e fruto; fora com eles! Só o forte, o são, é digno da vida e chamado a dar à luz uma nova vida! O que é mau e fraco é pisoteado, decompõe-se, e triunfante se ergue acima dele uma nova vida, em força e beleza orgulhosas. Onde, na natureza, não há luta? Onde o forte não se opõe ao fraco, o digno de viver ao indigno de viver? Podem, pois, vir milhares e milhares mais de profetas com o grito: “Abaixo as armas!” As leis eternas da natureza não se deixam calar ruidosamente nem mesmo com rezas.

O homem está ligado à natureza, não está menos submetido às suas leis do que os outros seres vivos. Se não sabe utilizar suas armas ou se recusa absolutamente qualquer luta, seus semelhantes o deixam de lado e passam por cima dele como assunto encerrado. Impiedosamente, a vida passa por cima daquele que não luta. Assim acontece na existência do indivíduo, assim na existência dos povos. O afeminado e débil é esmagado, mas o forte e combativo cresce na luta.

Tu és Homem-SA! Com isso, professas a ideia da luta. Se não tivesses lutado, o nacional-socialismo não teria vencido, teu povo teria sido destruído. Mas tu estiveste parado na luta, viste cair, pálidos e sangrando, camaradas ao teu redor, e tuas últimas palavras sempre foram uma profissão de fé na luta pelo Reich, um juramento pela ideia combativa do Führer.

A luta é a melhor faceta do ser humano! Só o fraco, o covarde, a teme. Tudo o que é grande nasceu do movimento e da luta. “E, se não arriscardes a vida, jamais a ganhareis!” Que jamais a glória sobre teu túmulo se una a teu sepulcro enquanto, algum dia, teus amigos e inimigos possam dizer: foi um lutador!

Sê lutador, camarada, sê um lutador exemplar, que se eleva acima dos complacentes e satisfeitos, e cuja atuação deve ser modelo para o presente e o futuro. Ser nacional-socialista quer dizer ser lutador. A luta é perigosa; o lutador quer “viver perigosamente”, como diz Nietzsche.

“Aquele que quer viver, que lute,

e aquele que não quer combater neste mundo da

luta eterna não merece a vida”.

Adolf Hitler.

Honra

O homem verdadeiramente alemão tem senso de honra, em oposição ao judeu, em quem se pode cuspir e que volta a entrar pela porta dos fundos se apenas lhe resta a esperança de um negócio.

Ao conceito de honra não se pode aplicar medida: ou se a possui, ou não se a possui. É como a bandeira, que se defende valentemente ou da qual se deserta covardemente.

Na Alemanha Nacional-Socialista não há, como antes, duas classes ou ainda muitas classes de honra: a do oficial, a do soldado, a do acadêmico, a do burguês ou a do operário. O lesionamento da honra de um lesiona igualmente a honra do outro. Porque, em ambos os casos, foram afetados compatriotas alemães, cujo valor é equivalente.

A honra é inteiramente independente das coisas externas, como o volume da bolsa, o fraque de seda e a cartola, os brilhantes ou as joias reluzentes. É independente do título, do posto, do estamento ou das dignidades. O senso de honra pessoal é antes uma qualidade da mentalidade, do caráter e da raça. E, por ser assim, a honra é tão inalienável quanto incomprável.

A honra é o bem mais alto do alemão. Sem honra, nenhum alemão pode viver.

O escudo da honra do Homem-SA deve estar limpo. Limpos e brancos devem estar então, escudo junto a escudo, como defesa reluzente ao redor das fronteiras do Reich, reclamando o respeito dos povos. Tal a honra do homem, tal a honra do povo, tal seu prestígio e autoridade no mundo. A honra do indivíduo deve servir à honra geral do povo, porque aquilo que honra o povo também honra seus membros.

“Infame é a Nação que não empenha Tudo alegremente por sua honra!

Lealdade

O Homem-SA é leal. Nada existe que possa fazê-lo vacilar na lealdade ao Führer, na lealdade ao povo e à Pátria: “Porque a lealdade é sempre o primeiro e o último, no céu e na terra, e àquele que se empenhou por inteiro, a coroa pode chegar…”

Volta em tuas lembranças, camarada, até o tempo em que, às vezes, dia após dia, em nossas folhas de combate, anunciava-se com tarjas negras que novamente um dos nossos havia selado sua lealdade com a morte. E lembra-te ainda de como morriam esses camaradas: a fronte ensanguentada, pálido o rosto, mas nele dois olhos luminosos e radiantes, vencendo a dor e as sombras da morte; expressavam a promessa solene e o orgulho, e às vezes, de lábios trêmulos, brotava com dificuldade um último voto de lealdade ao Führer no “Heil Hitler!” que se extinguia. Até rapazes recém-saídos da escola souberam morrer assim, cumprir e levar a cabo com tamanha grandeza o mandamento da lealdade.

Camarada! Este legado dos mortos não pode nem deve jamais, nem sequer por um momento fugaz, fazer-te vacilar na lealdade jurada ao Führer e ao povo.

Alguém não te agrada, algo não te parece bem, camarada! Como podes atrever-te a julgar como errado ou injusto algo que talvez esteja

pensado em função de séculos, no interesse da comunidade e do futuro alemão? O que acontece quando um membro do corpo se nega a obedecer? Então se percebe uma falha, mas ainda apenas pela metade; porém, quando se acrescenta outro membro e um terceiro, então todo o corpo se torna incapaz e inútil. Diz! Será que o Führer sequer uma vez não teve razão? E, se a nós, homens de seu séquito, pareceu assim, com que precipitação, com que grande rapidez tivemos de confessar: ele, no entanto, tinha razão, ele sempre tem razão!

E diz! Quem manteve assim a lealdade ao povo, e com isso também a ti, como o Führer? Quem jamais amou mais ardentemente seu povo, e com isso também a ti, do que ele? Quem jamais, por seu povo, e com isso também por ti, velou mais e sacrificou-se mais que o Führer? Contra quem a imunda maré de mentiras e calúnias, contra quem a onda vermelha do ódio se desencadeou mais do que contra o Führer? Contra quem jamais foi cometida traição mais miserável, ainda vinda das próprias fileiras, do que contra o Führer e sua Ideia, que se chama Alemanha? Não haviam afiado o aço assassino para ele? Mas ele se manteve fiel a seu povo e, com isso, também a ti, e se manterá fiel a ele até seu último alento.

E semelhante lealdade obriga, por sua vez, à lealdade. Não é para ti uma lei de papel. Tu não a sentes como obrigação, mas como uma necessidade lógica e natural.

Em lealdade imutável, o Homem-SA está com seu Führer.

Suas palavras aos 46 guardas nacional-socialistas: “Hoje, pela primeira vez, tereis de manter a lealdade ao Movimento a todo custo. Nenhum de nós abandona o salão, a menos que nos levem mortos”, têm validade eterna para o Homem-SA.

E semelhante lealdade da SA é o fundamento granítico para o eterno Reich dos alemães.

Liberdade

Liberdade! Poucas vezes um conceito foi tão mal usado, adulterado e maltratado como este

Em nome da liberdade, depois da Guerra Mundial, figuras estranhas ao povo levaram este à mais profunda escravidão; em nome da liberdade pregaram um desenfreio selvagem e desencadearam vícios e costumes decadentes; em nome da liberdade entregaram a economia alemã à alta finança internacional judaica; em nome da liberdade impuseram aos ainda não nascidos as correntes das obrigações tributárias.[25]

Liberdade! Em seu nome ensinaram a curvar-se e a submeter-se covardemente!

Liberdade! Que é liberdade? Liberdade só pode haver onde há disciplina. Sempre pressupõe disciplina. Os homens que, em 14 anos de luta, lutaram pelo novo Reich eram disciplinados em grau máximo. Do contrário, jamais teriam podido entrar pela Porta de Brandemburgo como vencedores e desfraldar triunfalmente suas bandeiras em todas as torres. Só na subordinação voluntária ao Führer e como lutadores pela liberdade de seu povo eles se sentiram livres. Somente na liberdade do povo a

25 Consequências do canalhesco e criminoso Ditado de Versalhes, engendro da judiaria mundial para aniquilar o mais poderoso bastião do mundo ariano. (N. do Editor).

liberdade do indivíduo encontra o mais amplo campo de ação e a maior felicidade.

O liberalismo das décadas passadas viu a liberdade na atividade desenfreada do indivíduo, em proveito de seu bolso e, por conseguinte, na ação em proveito próprio. O nacional-socialismo reconhece a todo alemão a atuação livre, criativa, de sua personalidade dentro de sua esfera de atribuições e a fomenta com todas as suas forças. Se, pela lógica da autodisciplina, o agir do indivíduo, entretanto, deve sofrer restrições, isso ocorre no interesse da comunidade e porque, para o nacional-socialismo, a liberdade significa uma obrigação moral. Na entrega à comunidade, a liberdade celebra seu mais alto triunfo, não no desenfreado desfrute dos prazeres da vida.

> “Liberdade é a finalidade da coerção.
>
> assim como se sujeita um vagão,
>
> para que, em vez de ser arrastado pelo pó,
>
> ascenda livremente pelos ares.”

Um povo pode estar acorrentado, mas, no momento em que todos os compatriotas, reconhecendo o afã pela liberdade como uma obrigação moral, se unem para servi-la em comunidade, as correntes se rompem. Um povo pode estar acorrentado, mas, se não apenas inclina a cerviz, mas dirige o olhar às eternas estrelas e seu espírito quer a liberdade, ela já está quase conquistada.

Revolucionários e Rebeldes

Ser revolucionário quer dizer defender uma ideia por ela mesma, a despeito de todas as resistências, e impulsioná-la adiante, em incansável movimento rumo à meta. Mas, a toda revolução, deve ser indiferente a sujeição às leis? Seus portadores devem fazer da disciplina e da obediência a precondição imperativa para sua luta revolucionária. Se o revolucionário se entrega a desordens desenfreadas e esquece que atua somente por encargo de uma grande ideia, se até se identifica em presunção desmedida com a ideia e se considera o centro do acontecer, então esse revolucionário se transforma em rebelde e amotinado. Embriaga-se, em louca cegueira, nas entusiásticas manifestações da massa e se entrega à conclusão enganosa de que esse entusiasmo é apenas para ele e de que deve fazer todo o possível para elevar ainda mais esse clima. O canalha interior irrompe. A ideia se afasta cada vez mais de seu horizonte. Sente-se como um pequeno Deus, que acredita poder ter direito às maiores pretensões quanto a modo de vida e emolumentos, e perde todo sentido de atitude para com o povo, que finalmente vê apenas como instrumento de seus caprichos. Assim como o imperador Nero fez arder em chamas a cidade para embriagar-se com a plenitude de seu poder, assim ele lança tições nos corações da massa para fazer-se iluminar vivamente na consciência

enganosa de seu esplendor; assim se liga dissimuladamente a figuras duvidosas da reação, não mais para servir à Ideia, mas para alcançar ambiciosos fins pessoais. O rebelde está em eterna rebelião. Não reconhece nenhum tipo de leis e amarras, mas se entrega a um desenfreio limitado, quebra a fidelidade à Ideia e a seus seguidores, exigindo, contudo, para si a fidelidade dos homens.

Naturezas semelhantes nada têm a procurar nas fileiras da SA. Não são melhores que os homens da rebelião de 9 de novembro de 1918. Para o homem da SA, trata-se da Alemanha, única e exclusivamente da Alemanha. Aquele que ataca pelas costas esse pensamento em nome da vaidade pessoal é um traidor e merece o destino de um traidor!

A Canção de Combate

Ainda sabeis como foi? A Comuna gritava furiosamente no salão, a Internacional vociferada tumultuosamente ameaçava afogar a palavra do orador. Nesse momento, com um breve gesto imperativo do Sturmführer, vosso peito ficou tenso, uma sacudida, clara, jubilosa, começou uma canção de combate com ritmo de ferro, para impor-se triunfalmente! Ou então: durante horas havíeis marchado pela noite e pela névoa. Sem pausa corria a chuva, e o vento vos açoitava a chorrenta camisa parda contra o peito. Um dia e um dia, a roda vos castigou e fez pedaços. Ansiáveis pelo calor agradável do lar, uma bebida quente e alguns camaradas emparedados. Os ânimos estavam congelados. E aqui, de repente, algumas vozes perdidas de vossas fileiras, aguçastes os ouvidos, de pronto titubeastes, compreendestes, e de vossas gargantas irrompeu seguro do porvir e seguro do triunfo em meio à escuridão:

.....…

marchamos nós,

Por Adolf Hitler, lutamos!

À frente vermelha, despedaçai-a!

A SA marcha! Atenção! A rua livre!

Como uma bandeira invisível, a canção ia adiante de vós. Desaparecida estava toda melancolia, o fogareiro quente esquecido, apagado todo vestígio de esgotamento; marcháveis no ritmo das canções, que pulsava através de vosso sangue e fazia vosso coração bater mais alto, gozosa e orgulhosamente.

E mais uma canção:

Vocês marchavam pelas estreitas vielas do subúrbio, cujas janelas abertas os olhavam fixamente com hostilidade. De repente, à esquerda e à direita, em pé, figuras sombrias, agressivas. Pedras caíam em suas fileiras, tentativas de separá-los e assim abatê-los a golpes. Então: ordens enérgicas! Seus corpos se tornam de ferro, erguem-se altos, e de seus lábios brotam sons que se rompem nas paredes das moradias-quartel e se multiplicam em eco interminável:

Bandeira ao alto! As fileiras bem cerradas…

Recordais ainda, cheios de felicidade, o poder triunfante de nossas velhas canções de combate? Não as deixem sucumbir à embriaguez da vitória. Cantem-nas de novo, como outrora as cantastes, para que os camaradas mortos ouçam seus sons, saibam que vocês marchais com o velho espírito. Cantem-nas, para que todos vejam que essas canções continuam atuando dentro de nós por toda a eternidade.

A Bandeira

Camarada da SA, quando alguma vez colocaste a mão do juramento sobre a Bandeira, não te atravessaram a alma estremecimentos de unção e veneração? Não sentiste muito profundamente que agora já nada é teu, mas que todo o teu ser pertence à Bandeira? Não surgiram imagens diante de tua mente: o soldado ferido de morte, que guarda o pano da Bandeira junto ao corpo ensanguentado, o camarada da SA moribundo que impregna com sua seiva vital o tecido da Bandeira?

Sagrada é a Bandeira. Ela é o símbolo da comunidade juramentada, o símbolo da Vitória. Pertences a ela com teu corpo e tua vida. Quem é inimigo dela é teu inimigo, quem a injuria injuria a ti, quem a profana profana a ti, profana a Alemanha, porque a Bandeira é o símbolo da Alemanha. Nada, entretanto, profana tanto a Bandeira quanto a covardia

…

Quando estás marchando, camarada, e diante de ti ondula a Bandeira no pelotão, deves saber que, invisível, bem alto acima dela, ondula outra Bandeira, a Bandeira de Sangue de 9 de novembro de 1923. Ela se estende no sussurro do vento estival, muito acima nas nuvens de prata, lança-se adiante no acúmulo das nuvens do outono; invisível, é certo, mas está, está

em toda parte onde homens marcham pela Alemanha! E atrás dela, os espíritos dos caídos das Tropas de Assalto. Horst Wessel os guia, faixas brancas levam cingindo a fronte, mas o sangue que as embebia já não é vermelho, reluz como ouro, levam a coroa da vida eterna... Camarada! A Bandeira, tem-na por sagrada e em honra!

E se ambas as mãos te forem atravessadas por tiros,

agarra-a com os dentes.

E se a morte se aproxima e sentes vir o fim,

tem-na estreitamente apertada contra teu coração.

Para que, ao cair, possas cobrir

com teu corpo o sagrado Estandarte,

assim o inimigo não poderá descobri-lo

e jactar-se de seu sagrado ornato.

Spmholz

Não é necessário que nós vivamos, importante é apenas que nossa Bandeira esteja firme! Porque a Bandeira vale mais que a morte ...

Noites Alemãs

As chamadas “noites alemãs” padecem com demasiada frequência de uma total falta de estilo. O bom e o grosseiro estão juntos em triste confusão. O sentido das “noites alemãs” é, por certo, o de proporcionar a vivência da germanidade, deixar que a alma alemã fale à sua igual. Quando unidades da SA planejam uma “noite alemã”, deveriam refletir detidamente sobre que fim há de servir a noite. Se perseguem meramente a meta de encher uma caixa que se esgota, é melhor organizar uma “diversão”, na qual coisas sérias nada têm a fazer. O baile alemão, interrompido por apresentações com humor — ai, humor alemão tão bom, que nada tem em comum com “piadas”! —, basta para isso. Se se quer fazer algo mais, acrescente-se uma peça breve, divertida, em um ato. A Direção do Reich para os Trajes Nacionais ou também a Comunidade Cultural da SA, de bom grado, indicarão a vocês os caminhos transitáveis. Se quiserem estar entre vocês, organizem uma Noite de Camaradagem. Aqui podem estar agradavelmente juntos, condutor e seguidores, e podem falar livremente, sem rodeios, e fazer uma boa campanha, da velha cepa. Mas, se empreendem uma “noite alemã”, que por outro lado não precisa chamar-se sempre assim, porque a palavra já está bastante gasta, então

devem tomar consciência da responsabilidade. Essas noites não são apenas serviço da SA, são serviço ao povo. Portanto, para isso, o melhor é apenas o suficientemente bom. Persigam o objetivo de compenetrar o povo com o espírito nacional-socialista próprio da SA. Semelhante noite deve ser o espelho de seu viver. Nela não têm nada que fazer nem o baile nem a folia desmedida. A noite deve ter um estilo militante e tenso. Nada causa impressão tão ruim quanto a falta de plano e a indecisão. Música, palavra, coro e jogo devem constituir um todo unitário e orgânico. Em primeiro termo, devem cultivar-se apresentações em comunidade, que mostrem a SA como o que deve ser: uma seleção dos combatentes mais ativos, uma comunidade juramentada ao Führer. Trata-se de transmitir ao público um quadro impressionante de verdadeiro espírito da SA. Semelhante hora festiva deve sacudir os lerdos e tíbios como uma tempestade, deve prender os visitantes, fazendo-os viver o espírito que encheu vossa luta e significou sempre sacrifício e bem-aventurança. Dai a tais noites uma nota particular, dai-lhes o estilo da SA! Não é uma tarefa fácil, mas, sim, grande. Camaradas, mãos à obra!

Uniforme e Estrelas

Uniforme significa forma comum. Deve evidenciar para fora que seus portadores possuem um espírito. Não é um fim em si, mas apenas meio para um fim. Decisiva é a mentalidade do portador. Por isso, alguém pode usar um traje elegante, adornado com reluzentes distintivos de patente, e ser ao mesmo tempo, interiormente, um patife e um canalha; em compensação, outro pode ter uma jaqueta puída e ser, ao mesmo tempo, interiormente, um grande caráter, todo um homem! Há patifes que se pavoneiam em vestimentas reais e seres humanos de espírito real que andam em andrajos.

O uniforme obriga o portador. Se ele não tem o espírito que dele exige, então o profana e, com isso, profana todos os seus portadores.

Para o homem da SA, a camisa parda é sagrada. Com ela, 400 camaradas conquistaram o Valhala de assalto[26]. Milhares de combatentes pardos a obtiveram à custa de seu magro soldo. Era seu orgulho e sua felicidade. Isto nunca deveriam esquecer aqueles que se incorporaram mais tarde à SA, quando hoje mandam confeccionar, no ateliê distinto, um

26 O céu dos Guerreiros na mitologia ariana. (N. do T.)

uniforme impecável. As camisas pardas da época de luta nem sempre caíam bem, faziam rugas, aqui e ali eram estreitas demais. Não eram elegantes essas camisas, mas a confraternidade de luta de seus portadores era íntegra e verdadeira. E os corações que batiam sob as camisas estavam em ordem.

Tu levas duas, três ou quatro estrelas na lapela da gola. Deves saber que, com cada uma dessas estrelas de patente, cresce o círculo de deveres e, com ele, a responsabilidade. Que elas não te concedem maiores direitos, mas maiores obrigações. Se, ao mesmo tempo, também te concede direitos, estes não são um fim em si mesmos, mas servem sempre apenas ao Todo. Ai de ti se, como portador das estrelas de patente, te separas de teu círculo de camaradas de até agora e trazes uma expressão rija de presunção e “distinção”! Então estarás acabado, não mereces sequer a camisa, e eu não quero falar das estrelas. No serviço, tu és o condutor; fora do serviço, o melhor amigo e camarada dos homens. Procede de tal maneira que não te temam e salpiquem, dispersando-se como um bando de pintinhos assustados, mas que tenham confiança em ti. A confiança só se conquista dando o exemplo na vida.

O Führer usa a simples camisa parda sem nenhum distintivo de patente, para manifestar assim sua íntima união também com o mais simples homem da SA.

Não queiras tampouco aparentar mais do que és, mas sê mais do que aparentas ser.

O Desempenho Decide

Tu és um veterano da SA, um combatente, tens um baixo número de filiação. Tua viril entrega a um Movimento, numa época em que ainda era perigoso vestir a camisa parda, é reconhecida pelo Estado, que tu ajudaste a conquistar pela luta.

Mas perdes todo direito a um tratamento ou cargo preferencial se, em teu posto, nada produzes.

Quão errado estás, camarada! O baixo número de filiação não é uma carta branca para a preguiça; é algo diferente: uma obrigação de máximo desempenho, um dever incontornável. Que deveria pensar aquele que se uniu ao Movimento depois de ti, ou ainda não o fez, se não desenvolvesses esse impulso pelo máximo desempenho e não o levasses à ação? E o que é essencial: não terias de envergonhar-te diante de ti mesmo e diante dos camaradas mortos?

Tua tarefa não convém à tua natureza, não podes desempenhá-la? Pois bem, então sê homem o bastante para apresentar-te a teus superiores com uma palavra franca. Há trabalho suficiente que te seja apropriado.

Não é vergonha alguma confessar que não estás à altura de uma incumbência, mas é uma vergonha se permaneces num posto que, com base em teu escasso desempenho, não te cabe, mas sobre o qual crês ter direito porque és um “camisa velha”.

Não te espantes se algum dia fores afastado de tua função não cumprida e se colocar em teu lugar outro que, embora não tenha a mesma antiguidade no Movimento, em compensação realmente produz. Porque é o desempenho que decide, não o tempo de pertencimento ao Partido. Nem todos podemos render o mesmo. Um é dotado para tal trabalho, outro não. Mas cada qual deve render o máximo em sua área. E aquele que aprendeu mais também deve render mais.

Talvez tu estejas no alto, e ao teu lado esteja um homem simples em seu posto modesto. Tu, homem de posição, talvez tenhas feito muito por teu povo, mas não tudo; tu, homem simples, em compensação, puseste em jogo e deste tudo por teu povo. Então és um alemão melhor, ainda que teu nome não entre na história.

Soldados da Ideia

Camaradas da antiga comunidade de luta! Quão esplêndidos foram aqueles tempos! Éramos poucos, apenas muito poucos, mas entre nós não havia um só que não pertencesse a nós com todo o coração, com corpo e alma, e em quem pudéssemos confiar incondicionalmente. Éramos uma comunidade pequena, mas juramentada, da ação, cujos membros individuais não buscavam sobressair nem brilhar por curiosidade ou fanfarronice. Ninguém pensava tampouco em desempenhar um papel, ou mesmo contava com que, cedo ou tarde, receberia uma recompensa na forma de um bom posto ou de um cargo remunerado. Por todas essas coisas não perguntávamos; eram para nós inteiramente insubstanciais e secundárias. E quem de nós perguntava por patente e grau de serviço? Cada qual tinha uma só meta: ser o melhor. Volve a memória à época difícil e, apesar de tudo, tão esplêndida da proibição: tirávamos do armário nossa velha jaqueta civil surrada e vestíamos qualquer tipo de gorra. Nem um distintivo, nem estrelas, nem galão, e, no entanto, um aperto de mãos, um olhar, e estávamos entendidos. O perigo de perder o trabalho e o pão, o

perigo de enfrentar a canalha vermelha na rua e ser abatido, até morto a golpes, manteve afastado de nossa comunidade tudo o que era covarde, pequeno, mesquinho e egoísta. A nós, em compensação, polícia, tribunais, perda do trabalho e combates sustentados em comum nos atavam tanto mais estreita e firmemente uns aos outros. Aquilo que pais e irmãos haviam vivido fora, nas trincheiras, quando a grandeza de camaradagem nos foi dada da mesma maneira na luta pela Ideia. A nós, contudo, nos embargava um amor, e este se chamava: Adolf Hitler e Alemanha. Embargava-nos um ódio, e este se dirigia contra tudo aquilo que estava contra o Führer e contra a Alemanha. Não odiávamos o irmão seduzido que estava contra nós, mas odiávamos os sedutores e sua causa maldita.

Que dias felizes eram aqueles! Verdade? Nós nos tornaremos velhos e grisalhos, passaremos pelos tempos de bonança ou de penúria, mas sempre reluzirão nossos olhos na ditosa lembrança deste tempo. A filhos e netos contaremos acerca do que um dia foi tão grande, tão sublimo, tão formoso, tão sublime, que teríamos dado a vida e a bem-aventurança por nossa santa causa. Por Deus! Às vezes passamos fome, durante dias sem comida quente, durante semanas frio glacial em miserável mansarda, chicanas sem fim e o sorriso zombeteiramente compassivo dos pequeno-burgueses, mas, quando tu, camarada, passavas fome, ou outro, então todos tínhamos fome; mas, se um tinha um pão, então cada qual tinha pão; se tinhas algo para beber, nenhum de nós precisava ficar sedento. Éramos um em tudo.

E depois veio o Dia, um Dia que transformou em realidade aquilo que com ardente fé havíamos cantado tantas vezes:

“Logo tremularão bandeiras de Hitler sobre todas as ruas…”

Se até esse dia da Vitória os que estavam fora de nossas fileiras haviam achado fácil manter-se afastados de nós, agora acontece o contrário. Agora ninguém quer correr o risco de não pertencer a nós, os portadores do Reich. Iniciou-se uma maré de novos ingressos; vieram pessoas que ainda ontem haviam zombado de nós, nos haviam injuriado e escarnecido. Vieram, em especial, das fileiras dos pequeno-burgueses que fazem negócios.

Camarada, eu te compreendo, compreendo que, naquela época, o adversário honesto e consequente, que também depois da vitória da Ideia se manteve afastado e preferiu os senhores que se vangloriariam ruidosamente na camisa parda e que nós, com razão, batizamos “os de sempre”. Camarada, tu sentiste muito honradamente que havia sido o perigo que nos ameaçava em conjunto que nos unia tão intimamente. Agora que o perigo havia passado, temias que os muitos, os demasiados, pudessem abafar nosso espírito. Receavas que o mau espírito do momento pudesse prejudicar o espírito de nossa Frente, que a comodidade dos novos pudesse profanar-se e impor-se à profundidade de nosso sentir comum e ao sacrifício silencioso.[27]

Camarada! Como se pode compreender bem isso! Mas talvez o destino tenha querido pôr à prova máxima vossa comunidade combativa e o espírito desta comunidade, expondo-os ao perigo de uma diluição e trivialização. Sei que não ficareis vencidos, porque aquilo que se manteve tão grande em época de luta, cercado de morte, também se manterá em honra depois que o punho perdeu seu direito e o triunfo da Ideia nos pôs diante de novas tarefas, que não podem ser solucionadas com a força bruta.

Vocês não se tornarão triviais, porque a luta significa para vocês uma lei interior, porque expressa uma necessidade vital. Quereis, para falar com Nietzsche, “viver perigosamente”, como vos ordena a voz de vosso Sangue. “Mas é que ainda hoje”, assim perguntareis, “pode-se ser o combatente de outrora?” Sim e não. Não, se como vossa missão de luta entendeis meramente o punho de ontem; mas sim, quando vós, reconhecendo os sinais do tempo, baseados nos conhecimentos de vossa visão de mundo nacional-socialista, orientais única e exclusivamente a luta com as armas do espírito contra os adversários camuflados do Novo Reich, os “obscurantistas de nosso tempo”. Não, não é que deveis transformar-vos em professores que pregam sabedoria catedrática e escorrem erudição. Vós sabeis melhor que todos que o nacional-socialismo não é um assunto do intelecto que se gasta em sutilezas e em sabedoria altissonante, mas assunto do coração. O que para vós sempre foi assim, vós o provastes com vossa entrega e sacrifício. E assim também não deveis levar agora a luta

27 Por isso, o NSDAP fechou seus registros de inscrição no ano de 1933 ao chegar ao poder. (N. do T.)

contra os eternamente de ontem e os da frente estreita com os fulgurantes diálogos do intelecto, mas vossa grande missão é a de fazer evoluir o portador da fé em anunciador da fé, porque esta é a lei de vosso coração. Havíeis de ser os eternamente despertos, os eternamente dispostos, os eternamente voluntários da Nação. Tal dever exige de vós que vos identifiqueis profunda e cada vez mais profundamente com o sagrado acervo de fé da concepção de mundo nacional-socialista, que as raízes de vosso ser estejam cada vez mais firmemente e intimamente aderidas a ela. E se isto é assim, haveis de ser os sacerdotes fanáticos da Ideia, os soldados da Ideia.

Soldados? Sim, pois! Porque condição de soldado não significa outra coisa senão empenho até o último e extremo! Assim deveis responder pela Ideia na vida e na morte, porque vosso pardo hábito de honra vos enobrece para o direito e o dever da máxima entrega.

Com afinco e tenacidade, os obscurantistas de nosso tempo estão trabalhando para solapar o Movimento, para analisar e refutar, parte por parte, “cientificamente”, a Ideia; aparecem com todas as camuflagens possíveis e impossíveis, seja com a máscara hipócrita de associações religiosas ou de clubes de senhores cultivadores da tradição; em todas as partes tentam adulterar e diluir aquilo que é tão grande e sublime. Vós os conheceis todos e sabeis acerca de seu miserável desígnio. Raposas astutas estão à espreita, à espera da tarefa de solapar a construção crescente do Reich e roer o fundamento da Ideia sobre a qual se assenta o Reich!

Camaradas, vós conheceis esses obscurantistas do campo da maçonaria, do judaísmo, do Centro católico e evangélico, conheceis os eternos de ontem do campo da reação, conheceis os burgueses que fazem negócios, que anteriormente levantavam ambos os braços e hoje apenas erguem timidamente uma mão em ângulo. Camaradas! A esses adversários é preciso reconhecê-los e levantar contra eles o terraplém da férrea comunidade de luta. Então poderão quebrar o crânio contra ele. Porque vós sabeis: onde quer que a SA se apresente, deve apresentar-se como vencedora! E assim há de ser e continuar sendo.

A SA marcha pelo eterno Reich dos Alemães!